

2009

n. 03- 04/ março-abril

dma

da mihi animas

REVISTA DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA



cenáculo aberto

dma

da mihi animas

Revista das Filhas de Maria Auxiliadora

Via Ateneo Salesiano, 81 - 00139 Roma RM

tel. 06/87.274.1

fax 06/87.13.23.06

e-mail: dmariv2@cgfma.org

Diretora responsável

Mariagrazia Curti

Redação

Giuseppina Teruggi

Anna Rita Cristaino

Colaboradoras

Tonny Aldana – Julia Arciniegas – Mara Borsi – Piera Cavaglià – Maria Antonia Chinello – Emilia Di Massimo – Dora Eyllenstein – Laura Gaeta – Bruna Grassini – Maria Pia Giudici – Palma Lionetti - Anna Mariani – Cristina Merli – Maria Helena Moreira – Concepción Muñoz – Adriana Nepi – Maria Luisa Nicastro – Louise Passero – Maria Perentaler – Loli Ruiz Perez – Rossella Raspanti – Lucia M. Roces – Maria Rossi.

Tradutoras

francês – Anne Marie Baud

japonês - inspetoria japonesa

inglês - Louise Passero

polonês - Janina Stankiewicz

português – Maria Aparecida Nunes

espanhol - Amparo Contreras Alvarez

alemão - inspetorias austriaca e alemã

EDIÇÃO EXTRACOMERCIAL

Istituto Internazionale Maria Ausiliatrice - 00139 Roma – Via Ateneo Salesiano, 81 – c.c.p. 47272000
– Reg. Trib. Di Roma n. 13125 del 16-1-1970 – sped. abb. post. – art. 2, comma 20/c, legge 662/96
– Filiale di Roma – n. 3/4 marzo-aprile 2008 – Tip. Istituto Salesiano Pio XI – Via Umbertide, 11 –
00181 Roma.

Tradução do original Italiano para a Língua Portuguesa

n. 03-04_ março-abril_2009

Sumário

Editorial	Mulheres apaixonadas	4
Dossiê	<i>Cenáculo aberto, casa das dúvidas e dos sonhos</i>	5
 <u>Destaque:</u> Aprofundamentos bíblicos, educativos e formativos		
As mulheres na Palavra	<i>As mulheres da paixão de Jesus</i>	9
Vida consagrada e...	<i>Justiça social</i>	10
Ecumenismo	<i>A grande esperança</i>	12
Filo de Arianna	<i>Para além da dúvida</i>	13
 <u>Busca:</u> Leitura evangélica dos fatos contemporâneos		
Cooperação e desenvolvimento	<i>O microcrédito para a qualidade de vida</i>	17
Pastoralmente	<i>Jovens: no tempo e no espaço</i>	18
Polis	<i>Mulheres de preto</i>	20
 <u>Comunicação:</u> Informações, notícias, novidades do mundo da mídia		
Jovens.com	<i>Longa vida ao rei dos Videogames</i>	22
Estante Sites	<i>Resenha sites Web</i>	25
Vídeo	<i>Once</i>	25
Estante	<i>Resenha vídeos e livros</i>	27
Livro	<i>Roma: duas da manhã</i>	29
Camilla	<i>Da teoria à prática</i>	31

Mulheres apaixonadas

Giuseppina Teruggi

Na conclusão das “Linhas Orientadoras da Missão Educativa” lê-se que “a casa do sentido é a vida cotidiana”. No cotidiano, de fato, mais que no extraordinário decide-se o empenho pela vida, pela construção do futuro, pela realização pessoal. Aqui é o lugar em que o *signal* pode traduzir-se em *expressão* concreta que torna visível um valor. É propriamente no cotidiano que encontramos o sentido do ser, do fazer, das escolhas de cada momento.

Habitualmente constrói-se a própria vida sobre coisas simples, sobre o amor recebido e doado, sobre os relacionamentos, sobre o cansaço, algumas vezes sobre a dúvida e a esperança. Quem tem coração e olhos límpidos descobre no dom de cada dia motivos para renovar-se, para descobrir o inédito com suas implicações de surpresa agradável ou de decepção amarga.

O Capítulo Geral XXII envolveu de modo ativo cada FMA e criou expectativas de inovação. Navegando no site do Instituto, entre as páginas do Fórum, leem-se expressões que revelam o desejo de ar fresco para as nossas comunidades. As mesmas capitulares se perguntaram: que inovações podemos oferecer às irmãs, aos jovens, aos leigos que compartilham a nossa missão? Isto continua a ser um desafio para cada uma de nós, uma provocação a abrir caminhos de futuro que sejam traduzidos no cotidiano.

O presente número do DMA permite entrever respostas a este desafio e introduz à reflexão sobre a responsabilidade de cada uma de assumir e levar adiante no cotidiano – casa do sentido – as intuições amadurecidas durante o Capítulo e confiadas a cada FMA. Tornar-se *mulheres apaixonadas* pode ser uma, entre tantas outras respostas. Mulheres que saibam ler o que está Além em si mesmas e na realidade de todos os dias. Sem resignar-se ao que é repetitivo, mesmo quando as pessoas, os gestos, os horários, os eventos sejam sempre os mesmos. Um coração apaixonado é literalmente penetrado pelo amor, sabe esperar, sabe descobrir o germe do *novum* escondido nos acontecimentos habituais e que pode vir à luz.

“O que mais a tocou durante o Capítulo?”, foi indagado a algumas das participantes. “As 193 capitulares eram mulheres apaixonadas – foi uma das respostas – que participaram de tudo: reflexões, orações, debates, recreações, passeios. Elas demonstraram um grande amor ao Instituto também por meio de expressões diferentes e discordantes!”.

Talvez em nossas comunidades tenhamos necessidade de introduzir frêmitos de paixão – paixão por Cristo e pelos jovens – apesar das nossas diferenças; de tornar cada dia uma oportunidade para coisas inéditas e boas, construindo pontes de esperança e de novidade. Isto, ninguém decide por nós: o impulso de partida vem somente da escolha livre de cada uma.

Assim fizeram as mulheres de Jerusalém no seguimento de Jesus até o final de sua paixão. A primeira entre todas foi Maria, que permaneceu em pé junto à cruz.

gteruggi@cqfma.org

Cenáculo aberto, casa das dúvidas e dos sonhos

Graziella Curti

Depois da morte de Jesus, os apóstolos com Maria e outros amigos, reuniram-se no *andar de cima*, onde haviam celebrado, poucos dias antes, a última ceia. O ambiente está pesado, há medo em todos, são fechadas as portas. Mais tarde, apesar do relato da aparição de Jesus, Tomé não acredita.

Diante da mensagem das mulheres, que falam da ressurreição, a resposta dos apóstolos é de dúvida. Somente o vento do Espírito abrirá as portas do cenáculo e iniciará a Igreja.

Será verdade?

Também para nós, nas comunidades, que seguimos de longe o Capítulo, houve momentos de incerteza, de dúvida. Não obstante tivéssemos a satisfação de colher fragmentos de vida pelos vídeos, pelas notícias ao vivo, quando ouvimos as inspetoras e as delegadas que nos comunicaram a experiência daqueles dois meses vividos sob o signo da mundialidade, no coração do carisma, algumas vezes experimentamos uma sensação de abatimento. O confronto entre aquilo que nos era transmitido e a realidade em que vivemos diariamente foi algumas vezes gritante.

As duas coisas nos pareceram, à primeira vista, inconciliáveis.

Receamos que a expressão síntese da assembleia capitular “Acima de tudo, o amor”, se tornasse um *slogan*, quase um vinho novo em odres velhos. A série de compromissos que nos foram propostos era infinita. Não chegávamos a intuir, talvez, por trás das palavras transparentes, positivas de quem tinha estado no Capítulo, o processo de elaboração que teve lugar também por meio das divergências, discussões, confrontos.

Algumas esperavam *algo novo*. Aquilo que nos diziam parecia, ao invés, repetitivo.

Já o havíamos ouvido outras vezes. Tratava-se de uma simples crônica ou incluía a problemática da existência?

As capitulares estiveram num cenáculo fechado para vivenciar a comunhão entre elas ou se deixaram tocar pela vida do povo, pela problemática mundial, pela crise?

Quando posteriormente chegaram os Atos do Capítulo, através da apresentação da Madre, começamos a perceber o fio vermelho que nos fora doado, como o fogo novo do Espírito, isto é, o amor, a maior de todas as dinâmicas, que abre as portas à vida das pessoas e dos eventos.

Compreendemos que a mensagem não era repetitiva, mas tinha o sinal da continuidade e do aprofundamento. E, além disso, no cenáculo estava Maria, que acompanhava os apóstolos no difícil caminho, após a morte de Jesus. E ela, assegurou-nos Dom Bosco, ainda está em nossas casas, e nos ajuda.

Uma tarde, entre irmãs

A Casa “Madre Ersília Canta”, em Roma, é sede do curso de espiritualidade e as irmãs que lá moram têm a sorte de ter contatos frequentes com a Madre e as Conselheiras gerais. Uma vez no ano, em particular, logo depois do Natal, as Superiores lhes fazem o presente de uma visita mais prolongada em que é possível uma troca de ideias, a oração e um bom jantar juntas.

Neste ano, o tema da partilha foi obrigatório e a pergunta à Madre e às irmãs do Conselho, bem direcionada: *o que mais tocou vocês durante o Capítulo e que esperança têm para o futuro?*

As respostas vieram em cascata, sem pausas, declarações diferentes mas concordes.

As 193 FMA capitulares eram mulheres apaixonadas, que participaram de tudo: reflexões, oração, debates, recreações, passeios... Demonstraram um grande amor ao Instituto também por meio de expressões divergentes e discordantes.

Era belo notar que, apesar da diversidade de posições durante o debate, diante da decisão tomada, não havia réplica, aceitava-se plenamente. A divergência de opiniões nunca afetou as relações pessoais.

Fazer memória do Instituto (por meio da mesa redonda do início e outras contribuições em seguida) deu tom ao sentido de pertença e ajudou a confrontar-se sobre a realidade do amor preveniente, sempre na ordem do dia na história das FMA.

A centralidade da Palavra, expressa particularmente em cada início de semana com a entronização da Bíblia na sala capitular, sinalizou a busca, o confronto, a reflexão, os debates, colocando cada uma em sintonia com o Evangelho.

A vontade determinada, em todas, de fazer com que *o ser sinal do amor preveniente* se torne *expressivo*, isto é, vida, em nosso relacionamento comunitário e com os jovens, demonstrou que é sobretudo sobre esta vontade que se embasa a esperança da realização do Capítulo no cotidiano.

A exigência de levar uma vida sóbria para partilhar com os mais pobres a crise econômica atual e a opção preferencial pela educação dos jovens mais necessitados foram objeto de uma *Orientação* toda centralizada na promoção de uma cultura solidária, alternativa à lógica capitalista. Neste campo caminhou-se muito sobre o concreto: conhecer o custo de vida; fazer escolhas como pessoas verdadeiramente pobres, ser solidárias com as outras irmãs da comunidade e com os jovens que servimos.

A primeira *Orientação* expressou a exigência de todas de que os documentos do Instituto (*Constituições; Projeto Formativo; Linhas da missão educativa; Cooperação ao desenvolvimento*), já em nossas mãos, passem do papel para a vida.

Certamente as intervenções, naquela noite, foram ainda mais numerosas e carregadas de paixão. Proporcionaram-nos esperança, embora nem todas as dúvidas e incertezas tenham sido desfeitas. A semente lançada precisa ainda de tempo e de paciência para florescer. Sobretudo, há necessidade de uma terra boa que a acolha e a faça frutificar. E isto pensamos que se esteja experimentado em todas as comunidades.

A terra boa

«Depois da transmissão do Capítulo – disse uma irmã – creio que o primeiro passo a ser dado seja apropriar-nos da mensagem, fazer síntese em nossa vida e procurar integrá-la em nosso caminho pessoal». E uma outra completou: «Há um segundo passo igualmente importante. Trata-se de compartilhar, de refletir em comunidade para delinear juntas o caminho a ser feito de modo que as palavras: “Acima de tudo, o amor” tornem-se pão para todos».

É necessário preparar aquela terra boa, disponível, simples que possibilite passar *do ser sinal ao ser expressão*.

Mas, quando uma terra é boa? Quando é *permeável*, quando *se* deixa penetrar pela água, pelo orvalho, pelo sol, por todos aqueles agentes atmosféricos que tornam possível o crescimento da semente. Foi dito que a identidade de uma pessoa ou de uma instituição não deve ser imaginada como uma bola de bilhar, mas como uma esponja numa bacia onde absorve a água e interage com outras esponjas. É necessário passar da imagem das bolas, que na sua rigidez estão prontas para a “colisão”, às esponjas, que na sua morbidez e porosidade estão prontas à “troca”, à relação. Isto é válido sob todos os céus de um mundo que já se tornou intercultural, complexo. É válido também para as nossas comunidades onde se multiplica a diferença que, todavia, requer tornar-se unidade.

Uma terra é boa quando acolhe em *profundidade*, abre os seus sulcos, tem cuidado com a semente, embala-a no seu seio e evita que ela fique na superfície onde talvez possa secar. Assim também a terra do nosso coração é boa quando sabe guardar a Palavra, as palavras sábias de quem está ao nosso lado e cuja vida exala o perfume do Evangelho.

Uma terra é boa quando reconhece a sua *minoridade*, isto é, acolhe o seu ser terra, que possui o potencial para fazer crescer a semente, mas sabe que o poder de fazê-la frutificar é só de Deus. Minoridade para nós quer dizer mudar o próprio imaginário. Um tempo havia um protagonismo um tanto exagerado para as FMA na vida religiosa. O grande número de irmãs, as obras significativas, as forças juvenis, as grandes estruturas. Agora vivemos o tempo da poda, da precariedade também econômica, para algumas, o tempo de não poder planejar a longo prazo. É exatamente aqui que apostamos em nossa vontade de estar próximas aos pobres, sem garantias, entrando plenamente na linha das Bem-aventuranças. Aqui está a mensagem de um Capítulo que investe tudo sobre o amor preveniente, isto é, sobre aquele olhar que não está voltado para si, mas com doçura olha para quem tem necessidade, abre os olhos e os ouvidos aos pedidos não expressos de quem lhe está ao lado ou simplesmente lhe passa ao lado; sobre aquela terra boa que existe em nós e quer fazer crescer o amor.

Viver na fronteira

Nestes últimos tempos, as contribuições de escritores religiosos e leigos são percursos a partir de imagens do limiar, do limite, da fronteira. «A fronteira é o lugar propriamente fecundo para o conhecimento» (Paul Tillich). «A figura da fronteira pede-nos para ser constantemente investigada. Muito mais nos dias de hoje em que suas características parecem insistentemente escapar-nos, sob a onda de uma geografia em movimento que re-desenha continuamente os mapas das nações, das imensas periferias urbanas que engolem os centros». (Gabriela Caramore). Quem se situa na linha de fronteira pode gozar de cenários mais amplos, pode assumir olhares diferentes, pode distanciar-se de uma atenção muito localizada e perceber súplicas e gritos não expressos. O cenáculo era terra de fronteira. Estava na cidade, mas era quase estranho aos seus pensamentos, às suas expectativas. Maria e os apóstolos tinham no coração a promessa de Cristo, que parecia, naquele momento, inconcebível. Eles apressavam sua realização com sua esperança. Também as nossas comunidades deveriam ser terra de fronteira e cada uma de nós deveria viver como está escrito na carta a Diogneto onde se descreve o estilo de vida dos primeiros cristãos: «Vivem na sua pátria, mas como forasteiros; participam de tudo como cidadãos e por todos são apontados como estrangeiros. Cada pátria estrangeira é sua pátria, e toda pátria é estrangeira. Moram na terra, mas são cidadãos do céu. Obedecem às leis estabelecidas, e com a sua vida ultrapassam as leis. São pobres, e enriquecem a muitos; falta tudo, e tudo sobra. Fazendo o bem são punidos como malfeitores; condenados alegrem-se como se recebessem a vida». Aqui está a “diferença cristã” e no nosso caso, a diferença de cada Filha de Maria Auxiliadora que quer ser “expressão do amor preveniente de Deus”. Faz tudo o que pode não exigindo recompensa, mas amando gratuitamente, segundo o Evangelho.

Então o lugar incômodo, de fronteira, pode tornar-se “ponte de esperança e novidade”.

Na soleira

“É melhor estar na soleira da casa do meu Deus que nos átrios das casas dos poderosos” (Salmo 84, 11).

A expressão do Salmo apresenta de modo plástico a atitude de quem vive a minoridade, não procura apoios fortes, mas confia em Deus. Está na soleira do Templo como o publicano, consciente de sua pequenez. O limite nos permite olhar melhor para fora da comunidade, a soleira nos permite uma atenção aos vizinhos, àqueles com os quais compartilhamos os nossos dias. De fato, como comenta uma escritora contemporânea, a soleira é uma imagem «mais pura, mais doméstica. Designa um limite mais familiar. Acontece que dentro dos muros erguem-se barreiras intransponíveis. Porque, no final, além das fronteiras oficiais, há as fronteiras interiores, as mais invencíveis, as mais dificultosas para serem ultrapassadas, as mais inflexíveis para serem abertas. Mas na soleira, aqui está, é possível deter-se e aprender o exercício do olhar e da espera, do confronto e da paciência, da tolerância e da acolhida». Um grupo de leigos, procurando informar-se sobre a comunidade, nos dá uma dica que nos ajuda a atuar a mensagem do Capítulo: «Hoje a comunidade è intrinsecamente plural e requer escolhas pessoais e conscientes por parte de todos os seus participantes. ‘Abre-te coração e *be kind*, sê gentil’: é preciso repetir a cada manhã assim que se levanta do leito. Caso contrário, a comunidade não vai existir». Esta visão leiga não está longe daquilo que estamos

propondo para viver a expressão do amor preveniente, para viver a minoridade evangélica que nos faz aceitar o outro como é, como dom.

Então “estar na soleira será como ter um pé no Templo e um pé na estrada, isto é, procurar a unidade entre a liturgia cultural e a liturgia da vida, a presença de Deus e a presença dos irmãos” e das irmãs.

Com Maria, a mãe de Jesus

No Capítulo, foi muito evidenciada a presença de Maria. A Madre, na *Apresentação* dos Atos, escreve a este respeito: «O Capítulo foi como um grande Cenáculo caracterizado pela atenção ao Espírito e pela escuta da realidade com o coração crente de Maria».

Os exegetas falando desta presença que é a última referência mariana explícita da Escritura, dizem que «revela o realismo de uma oração que acompanha a vida enquanto espera o cumprimento das promessas do Filho, na perseverança do dia-a-dia, na comunhão dos corações e na súplica ardente para a descida do Espírito». Maria é a mulher que compôs o cântico do Magnificat e cuja fé não foi vencida nem pela dúvida nem pelo medo, apesar da morte cruel do Filho. É a mulher que exulta ao revelar o rosto de um Deus misericordioso, forte, inclinado a escutar o grito dos pobres, daqueles que sofrem. É a mãe que tem um olhar lúcido sobre a história e os acontecimentos. No Cenáculo, como em Caná, cumpre sua missão de mediadora. Dissipa a incerteza, o medo também nosso e nos acompanha para viver o “inérito”. Somos suas filhas, portanto de algum modo, devemos nos assemelhar a ela.

curti@cgfma.org

Disseram

Perguntamos a duas irmãs de Hong Kong, a inspetora e a secretária inspetorial (que não participou do Capítulo) quais são as dúvidas e as esperanças diante da mensagem da grande assembleia capitular.

Ir. Elena Miravalle – secretária inspetorial

Estando em casa diante do computador recebi o encargo de transmitir diariamente as notícias. Antes de tudo devo dizer que, tanto eu como as irmãs da comunidade, nunca havíamos sentido um Capítulo geral tão próximo, tão “nosso”. Embora na alegria de uma participação “à distância” surgiram dúvidas e interrogações. Sabíamos que as irmãs espalhadas pelo mundo não pensam do mesmo modo. Como terão feito para unificar as respostas, as decisões? Como terão sido as discussões nas comissões? Estas perguntas estimularam a nossa curiosidade.

“Acima de tudo, o amor” – O amor não se sonha, vive-se. O sonho desvanece, a vida permanece. E é a vida que queremos realizar, graças à ajuda que nos virá do CG XXII. Por enquanto as tradutoras estão trabalhando, nós ainda estamos estudando o “Instrumento de trabalho” que nos permitirá compreender melhor a transmissão. O sonho é que todo o Instituto compreenda *Quem é o Amor maior*.

Ir. Mônica Liu – inspetora

Que dúvidas e perguntas surgiram no seu coração?

A inspetoria encontra-se na mesma situação de grande parte do Instituto: redução ou falta de vocações, pessoal em idade avançada, saúde precária das irmãs. Diante desta situação, é preciso ter fé – a certeza de que o Senhor opera também com elementos frágeis. Perguntamo-nos como fazer *emergir e potenciar* os poucos recursos que temos para responder às exigências das novas pobreza e demandas da sociedade, na linha do carisma.

O que você ainda sonha?

Que a nossa vida seja um sinal visível, seja coerente com o que proclamamos, isto é, capazes de amar-nos reciprocamente na vida cotidiana para fazer nascer novas vocações

Pela partilha comunitária

Já se passaram alguns meses do término do Capítulo e, certamente, foram tomadas decisões sobre algumas linhas a serem seguidas na Inspeção e na comunidade. Contudo é necessário confrontar-se com as irmãs para identificar vez por vez, o caminho a ser seguido a fim de que possamos ser realmente *expressão do amor preveniente*.

O Cardeal Newman, grande convertido do século rezava com frequência esta oração que propomos a cada uma de nós. É expressão de *minoridade*, de confiança e de amor.

**Conduze-me tu, luz gentil,
conduze-me pela escuridão que me constrange,
a noite é escura, a casa é distante,
conduze-me tu, luz gentil.
Tu guias os meus passos, luz gentil,
não peço para ver muito longe,
basta-me um passo, só o primeiro passo,
conduze-me, luz gentil.**

Card. Newman

Depois da oração, que se tornou também um canto, tentamos recordar gestos de amor dos quais fomos testemunhas ou mesmo objeto em nossa vida. Perguntemo-nos, que situações ou pessoas de nossa comunidade educativa ou do nosso território têm mais necessidade de uma atenção amorosa de nossa parte? Como exprimir de modo concreto, esta atenção?

AS MULHERES NA PALAVRA

As mulheres da paixão de Jesus - *Elena Bosetti*

As mulheres, diversamente dos discípulos, não abandonam Jesus em sua paixão. A partir das filhas de Jerusalém que o acompanham na via dolorosa e lamentam sobre ele, até as mulheres aos pés da cruz com sua Mãe, as mesmas que observam atentamente o lugar da sepultura.

Não choreis por mim

Estamos na via dolorosa e aqui é o evangelista Lucas que nos informa a respeito de um grupo de mulheres que fazem a lamentação sobre o condenado: «Seguia-o uma grande multidão de gente e de mulheres que batiam no peito e faziam lamentação sobre ele. Mas Jesus, voltando-se para as mulheres disse: «Filhas de Jerusalém, não choreis por mim; chorai, antes, por vós mesmas e por vossos filhos! Pois, eis que virão dias em que se dirá: Felizes as estéreis, as entranhas que não conceberam e os seios que não amamentaram! Então começarão a *dizer às montanhas: Caí sobre nós! E às colinas: Cobri-nos!* Pois, se assim tratam o lenho verde, o que não farão com o seco?» (Lc 23, 27-32).

A lamentação sobre o condenado faz parte do costume do tempo. Mas aqui há algo mais. Percebe-se a ressonância da escritura, particularmente a lamentação sobre o filho único do qual fala o profeta Zacarias: «Derramarei sobre a casa de Davi e sobre todo habitante de Jerusalém um espírito de graça e de consolação: olharão para aquele que transpassaram. Eles farão o luto como se fosse o luto de um filho único; eles o chorarão como se chora um primogênito. Naquele dia, será grande a lamentação em Jerusalém» (Zc 12, 10-11).

Jesus, embora em meio a sofrimentos atrozes, tem ouvidos, olhos e coração para estas mulheres. Ele ouviu entre tantas vozes brutais, aquele coro feminino e se volta, procura-as com o olhar turvado

pelo sangue e lhes dirige suas palavras de conforto. Infelizmente não são palavras que gostaríamos de ouvir. Deus não consola com palavras emprestadas do nosso coração, mas consola com a sua Palavra, a sua promessa. Jesus, de fato, cita a escritura dirigindo-se a estas piedosas mulheres.

A expressão «filhas de Jerusalém» ocorre somente aqui no Novo Testamento, e parece evocar o Cântico dos Cânticos onde é usada mais vezes. O Esposo, o Messias, está agora a caminho da prova suprema e o seu povo o renega. Mas estas mulheres se apartam da massa acusadora.

As palavras que Jesus dirige a estas mulheres são geralmente interpretadas como vaticínio da destruição de Jerusalém e soam como um urgente convite à conversão. Ele anuncia às filhas de Jerusalém que, a cidade por elas representada não acolherá o seu apelo à conversão, outras lágrimas e mais amargas, deverão derramar. Em tal sentido, o choro delas lembra o seu próprio choro sobre Jerusalém (cf Lc 19, 41-44).

Estavam junto à cruz

O último quadro nos ambienta aos pés da cruz onde, para além dos detalhes, os Evangelhos concordam sobre um fato fundamental: a presença de algumas mulheres que subiram com Jesus, da Galileia. Mateus lembra em primeiro lugar Maria Madalena, Maria mãe de Tiago e de José e a mãe dos filhos de Zebedeu (cf Mt 27, 56). Marcos cita ainda o nome de Salomé (15, 40). São elas as testemunhas da página mais sublime e dramática da vida de Cristo, são elas que recebem as últimas palavras. Presença silente e dilacerante a da Mãe que vê o filho torturado e nada pode fazer por ele. Cumprem-se as palavras de Simeão: «Uma espada de dor te transpassará a alma» (Lc 2, 35). Existe, por ventura, dor maior para uma mãe? Como suportar, sem morrer, tal martírio? E sua presença não aumenta talvez a tortura do filho? Ele que dirigiu sua atenção às piedosas mulheres, terá palavras para a Mãe?

No relato de João suas últimas palavras são precisamente dirigidas a ela: «Mulher, eis teu Filho» e ao discípulo amado, «Eis tua Mãe» (Jo 19, 26-27). Uma dúplici entrega do discípulo à Mãe, da Mãe ao discípulo amado. Nenhuma palavra de Maria. Ela, que havia posto objeção a Gabriel, agora simplesmente se cala. A hora do Filho chegou e com ela a hora da Mulher. Ele associa a Mãe ao parto de uma nova humanidade.

VIDA CONSAGRADA E...

Justiça Social - *Julia Arciniegas*

A crescente globalização incrementou o valor social da justiça. O grito dos povos nos eventos organizados pela sociedade civil assume cada vez mais o caráter de dramaticidade. O empenho das pessoas consagradas neste campo não se faz esperar.

«Não estamos aqui para defender a terra; já existe quem a habita e desde sempre a defende, embora com muitos sofrimentos e obstáculos. Estamos aqui para oferecer respostas concretas às primeiras necessidades dos povos nativos e, portanto, evidentemente, o direito à terra, sem a qual não pode haver vida». A voz do padre Nello Ruffaldi, missionário do Pime e membro do Conselho indigenista missionário (Cimi), chega límpida ao telefone da redação do '*Mensageiro*', revista dedicada aos povos indígenas com sede no Brasil, em Belém, no estado amazônico do Pará. Assim nos relata a Agência MISNA, em um dos seus serviços sobre o Fórum Social Mundial (FSM), realizado nos últimos dias de janeiro passado, no coração da Amazônia. Por que, pode-se perguntar, entre os delegados de mais de 4.000 organizações da sociedade civil e mais de 3.000 representantes das populações indígenas de 150 países do mundo, estavam presentes também muitos religiosos e religiosas procedentes dos mais variados cantos do planeta? Por que acorreram a este evento Jesuítas, Combonianos, Xaverianos, Missionárias da Consolata, Salesianas... ?

Bastaria ler alguns dos dez objetivos do IX FSM para descobrir as motivações que incentivam hoje as pessoas consagradas a despendem suas energias no social: «para construir um mundo de paz, justiça, ética e respeito pelas diferentes espiritualidades, livre das armas, especialmente as nucleares; para o acesso universal e sustentável aos bens comuns da humanidade e da natureza, visando à conservação do nosso planeta e de seus recursos, sobretudo a água, as florestas e as energias renováveis; para a democratização e a autonomia política do conhecimento, da cultura e da comunicação».

Razões bem sintetizadas pelo padre Alex Zanotelli, missionário comboniano com anos de experiência entre os favelados do Quênia: «Então, nós como pessoas de fé, devemos estar na linha de frente para uma mudança, que não só é possível, mas é necessária, se queremos permitir a todas as pessoas viver verdadeiramente como filhos de Deus». A nova *ordem social* que os sucessivos FSM têm evocado com o slogan: “*Um outro mundo é possível*”, torna-se para os/as religiosos/as, expressão secular das palavras de Jesus: “*Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância*”. Dizia também o missionário do PIME, acima citado: «Esta passagem do Evangelho de João (10,10) resume em si toda a nossa missão. O serviço missionário com os povos indígenas promove o direito à vida, em todos os seus aspectos, o respeito pelas culturas e pelas religiões tradicionais, o direito à saúde, à preservação do ambiente, à valorização das experiências dos nativos».

Os membros de cada Instituto sentem-se chamados, segundo o próprio carisma, a assumir a causa dos mais pobres, da multidão de pessoas cujos direitos fundamentais são espezinhados ou ignorados. As pessoas consagradas voltadas radicalmente ao amor, para seguir Jesus Cristo mais de perto e colaborar com a sua missão de construir o Reino de Deus, procuram conjugar em sua vida e missão o binômio: *justiça social-caridade*, tão almejado pela Doutrina Social da Igreja. Segundo a sua mais clássica formulação, a justiça consiste geralmente na constante e firme vontade de dar a Deus e ao próximo o que lhes é devido. Do ponto de vista subjetivo a justiça traduz-se na atitude determinada pela vontade de reconhecer o outro como pessoa, enquanto que, do ponto de vista objetivo constitui o critério determinante da moralidade no âmbito inter-subjetivo e social. Neste sentido, além das formas clássicas da justiça: *comutativa, distributiva, legal*, tem adquirido sempre maior relevo a justiça *social*, que diz respeito aos aspectos sociais, políticos e econômicos e, sobretudo, à dimensão estrutural dos problemas e das correlativas soluções. É particularmente importante no contexto atual, em que o valor da pessoa, da sua dignidade e dos seus direitos, para além das proclamações de intenções, está seriamente ameaçado pela divulgada tendência de recorrer exclusivamente aos critérios da utilidade e do ter. A justiça, também na base de tais critérios, tem sido considerada de modo redutivo, enquanto adquire significado mais pleno e autêntico na antropologia cristã que traz à luz a identidade profunda do ser humano.

Poder-se-ia dizer que a justiça social é a firme e constante vontade de favorecer o bem comum como condição para desenvolver a dignidade integral de todas as pessoas.

Esta verdade permite abrir para a justiça também o horizonte da solidariedade e do amor. Sozinha, a justiça não basta. Pode antes chegar a negar a si mesma, se não se abre àquela força mais profunda que é o amor. A Doutrina social da Igreja aproxima, ao valor da justiça, o da solidariedade, enquanto caminho privilegiado para a paz. A meta da paz será certamente atingida com a atuação da justiça social e internacional, mas também com aquelas atitudes que favorecem a convivência e nos ensinam a viver juntos, para construir unidos, dando e recebendo, uma sociedade nova e um mundo melhor (Cf. *Compêndio DSC, nn. 201-208*).

j.arciniegas@cqfma.org

A JORNADA MUNDIAL DA JUSTIÇA SOCIAL FOI CELEBRADA PELA PRIMEIRA VEZ EM 20 DE FEVEREIRO DE 2009, DEPOIS DE SUA APROVAÇÃO POR UNANIMIDADE PELOS 192 ESTADOS MEMBROS DAS NAÇÕES UNIDAS.

«Eu sou Kim Sung-hwan, jesuíta da Coreia. Às vezes sinto saudades dos dias da minha infância em que o povo da minha aldeia se ajudava mutuamente e compartilhava a vida mesmo sendo pobre. Com a industrialização, porém, muitos começaram a pensar que o dinheiro era o centro da vida. A partilha, então tão preciosa, desapareceu de fato. Antes de chegar ao FSM, conhecia o slogan: 'um outro mundo é possível'. Esta frase cativante tocava-me porque sugeria que o *ethos* e os sonhos da minha infância poderiam ser revividos. Durante o Fórum, muitas pessoas provenientes de todas as partes do mundo compartilharam alegrias e sofrimentos. Pessoalmente obtive grande consolação e alegria ao descobrir que eu não era o único, mas éramos muitos a sonhar 'um outro mundo'. Alguém disse; 'o sonho de uma pessoa é apenas um sonho, mas os sonhos de muitos já são realidade'. Tive a impressão, portanto, de que 'um outro mundo' já nasceu entre nós aqui no FSM».

(Extraído de *SJS Headlines*, 2009-01 n° 4)

ECUMENISMO

A grande esperança – *Bruna Grassini*

Sonho uma Igreja que leve no coração o fogo do Espírito Santo. Uma Igreja apaixonada por aquela unidade querida por Jesus. Que abra a Porta Santa da Basílica de São Paulo fora dos muros e avance sobre a soleira com um Metropolita ortodoxo e com o Arcebispo Anglicano de Canterbury. Uma Igreja a caminho, Povo de Deus, com o Papa que leva a cruz, rezando e cantando e, no coração, a força do Espírito Santo.

Bento XVI

Este é o caminho para a unidade. Não é utopia: é uma urgente responsabilidade.

É um desafio que convoca "todos" os cristãos a abrir-se ao Espírito de comunhão, a um relacionamento sereno que nos envolva na partilha dos valores dos quais os nossos irmãos "separados" também são portadores.

Assim o Papa Bento XVI nos lembra, com insistência, que só o amor pode levar ao conhecimento mútuo, respeitando as diferenças. Não há alternativa.

O diálogo ecumênico é possível: devemos continuar a buscá-lo e a vivenciá-lo com confiança, com autenticidade, com estima recíproca.

Hoje a Igreja pede-nos um surto de caridade, em fraterna colaboração para realizar o "Ecumenismo da Verdade" (*Ecclesia in Europa*, 31). Isto exige colaboração na busca do "bem comum" e uma abertura sincera para acolher a diferença como "riqueza". A unidade é condição essencial para a paz: é uma dimensão fundamental da Igreja, é uma exigência profunda.

Jesus confia-nos esta tarefa "como dom e empenho", e exige um testemunho de fé, de comunhão, de estima recíproca.

À vigília do ano 2000, o Papa João Paulo II lembrava-nos que o diálogo requer respeito e reciprocidade em todos os campos. «O diálogo constitui uma das principais preocupações da Igreja, sobretudo na Europa que, no passado, viu nascer muitas divisões entre os cristãos». Ele exortava os jovens a reconhecer e a valorizar, com amor fraterno, a contribuição das Igrejas cristãs do Oriente para uma verdadeira compreensão, com a riqueza de suas tradições. «O Papa está com vocês: rejeitem toda violência, façam-se promotores incansáveis da Paz, da harmonia, da fraternidade».

Palavra e testemunho

«Na Europa de hoje temos muito que podemos compartilhar a serviço do Evangelho». Lembrou o Papa Bento XVI em 19 de janeiro de 2008, durante a tradicional audiência à Delegação Ecumênica da Finlândia, que coincidia com o início da “Semana de oração pela Unidade dos cristãos” (Osservatore Romano).

Faz exatamente cem anos: um sacerdote americano, “episcopaliano”, Paulo Wathson, tendo voltado à comunhão com a Igreja católica, depois de um período difícil de sua vida, celebrou pela primeira vez, com seus fiéis, a “Oitava de oração pela Unidade dos cristãos”.

Era 18 de janeiro de 1908: uma data que passou quase despercebida. Mas a partir de então o compromisso de oração pela unidade dos cristãos tornou-se parte integrante da vida da Igreja, em todo o mundo, num abraço fraterno, universal.

A oração de Jesus no Cenáculo: “Que todos sejam um”, reveste-se hoje, para cada cristão, de um valor essencial. «Enquanto Artífices da Paz e da Justiça – recorda-nos o Papa – vós sois presença viva de Cristo que veio para reconciliar o mundo com o Pai e para reunir todos os seus filhos dispersos pelo mundo». «Sou feliz – dizia ainda o Papa – por saber que reservais uma grande importância ao testemunho no relacionamento fraterno com outras igrejas e comunidades eclesiais.

Os obstáculos no caminho da Unidade não devem extinguir o entusiasmo, apesar das dificuldades para criar condições ao diálogo cotidiano, prelúdio da plena Unidade. O próprio fato de dialogar demonstra uma postura disponível, aberta à escuta para compartilhar os problemas, as esperanças, respeitando a verdade na caridade».

Lemos num documento da Conferência dos Bispos franceses: «Dialogar comporta um justo equilíbrio entre escuta e palavra, humildade e coragem. A Igreja tem um papel privilegiado, ao promover atitudes de abertura às diferenças, com enriquecimento recíproco, durante encontros que favorecem compreensão e fidelidade, escuta e disponibilidade».

O Ecumenismo porém, escreve Andrea Riccardi, da Comunidade de S. Egidio, não é só isto: «O diálogo entre crentes é um dos desafios fundamentais deste século».

O Ecumenismo é um caminho: não sabemos se vai ser longo. O Papa Bento XVI deu certamente um passo decisivo naquela tarde, em Istanbul: Avançou respeitosamente descalço, sob a abóbada esplêndida da Mesquita azul, escutando as palavras do Mufti que era o seu guia e que oferecia ao Papa uma “caligrafia” turca em forma de pomba; no final da Liturgia abraçaram-se e juntos abençoaram os fiéis.

grassini@libero.it

FIO DE ARIANNA

Para além da dúvida... - *Giuseppina Teruggi*

Na natureza existe, entre tantos, um fenômeno curioso: o dos rios ‘cársicos’, cursos de água que desaparecem improvisamente, depois, à distância de dezenas de quilômetros reaparecem na corrente fluvial como se brotassem do nada. A água retorna mais abundante que antes, com frequência mais límpida e fresca, depois de haver percorrido grutas profundas e a escuridão dos subterrâneos. Uma metáfora para exprimir a experiência humana quando a dúvida e a incerteza fazem mergulhar na escuridão e no vazio. Aquilo que antes era claro e evidente desaparece. Permanecem perturbação e angústia.

Um desafio

Na vida pessoal, nas relações comunitárias, na própria vida da Igreja e do mundo, encontram-se situações, nas quais, têm-se a impressão de ser engolidos pelo nada. O percurso da fé, em particular,

é marcado por passagens obscuras: fazem experiência disso homens e mulheres de todos os tempos, grandes figuras que marcaram a história ou gente comum que constrói na simplicidade o seu cotidiano.

Louis Evely, teólogo francês, revelou que “a fé é um cruzamento de luz e treva: possui suficiente esplendor para aceitar, suficiente escuridão para rejeitar, suficiente razão para objetar, suficiente luz para suportar a escuridão que existe nela, suficiente esperança para contestar o desespero, suficiente amor para tolerar a própria solidão e suas mortificações”. Cada percurso de fé faz inevitavelmente o confronto com a escuridão: não é só evidência, é antes um contínuo avançar e arriscar. Por isso, quando o céu ficar nublado não tenhamos medo de ter perdido a fé!

O cardeal Carlo Maria Martini, numa entrevista recente confidenciou: “Pesos são medos, falta de confiança em Deus. Quando Ele me confiou certa tarefa e pensei em não estar à altura... para dizer a verdade, algumas vezes faltou-me a coragem. Também os conflitos algumas vezes criaram dificuldades; sem querer escapar de Deus, perguntei-lhe: sou capaz de fazê-lo? Por que devo fazê-lo? Sou eu a pessoa certa?... Questionei Deus assim como fazem os Salmos: por que deve ser deste modo? Posteriormente foi-me concedido perceber que é da dúvida que nasce algo de novo e de mais profundo. Num primeiro momento, enquanto aquele algo de novo ainda não era visível, não foi fácil. Evidentemente é preciso muita confiança em Deus, mas não raro parte-se mesmo das dúvidas, das perguntas”.

Existe um componente positivo da dúvida, passo prévio para uma confiança mais consciente e madura. Mas nem sempre a dúvida é porta aberta para a clareza.

A dúvida amarga

Um sábio dava este conselho: “Se ensinas, ensina a duvidar daquilo que ensinas”. Na didática, mas também na experiência cotidiana, é mestre quem sabe suscitar questionamentos, quem faz pensar, quem induz a uma postura crítica: é o caminho melhor para arraigar em si, de modo pessoal e profundo, idéias, conhecimentos, convicções. É evidente que isto não significa duvidar sempre e de tudo, mas ao contrário, assumir uma atitude de reflexão e de autonomia.

A atitude de dúvida ou de confiança assume-se a partir dos primeiros anos de vida. É do psicólogo Erik Erikson a intuição de que, na evolução da identidade da pessoa, esta deve passar por algumas etapas precisas de desenvolvimento psico-social. Descreve oito etapas, a partir do nascimento até o fim da vida. Cada etapa apresenta específicas “crises evolutivas” cuja superação é requisito para a passagem à fase sucessiva. Segundo Erikson, entre 2 e 3 anos de idade a criança faz consideráveis conquistas de habilidades motoras e sociais e experimenta uma atitude de autonomia se o ambiente que a circunda for acolhedor e encorajador. Mas se for dificultada e se encontrar controles excessivos, em vez da autonomia a criança pode desenvolver em si uma atitude de dúvida como predisposição negativa para o resto da vida.

As condições necessárias para a construção de uma personalidade orientada prevalentemente à confiança, à capacidade de iniciativa e de ação, mais que à dúvida, ao sentimento de culpa ou de inferioridade podem ser criadas ou impedidas desde a infância. A orientação para a dúvida pode também ser fruto de escolhas pouco cautelosas e de situações problemáticas não aceitas ou mal resolvidas.

A reflexão psicológica atual fala de uma dúvida sábia que torna a pessoa capaz de profundidade e de bom senso, consciente de que nada é rigidamente prefixado, mas tudo é mutável e frequentemente imprevisível. Mas analisa também a realidade de uma *dúvida amarga*, aquela que “inflama a alma, fere o coração, desorienta o pensamento, compromete o equilíbrio”. O olhar sobre a história evidencia a teorização deste tipo de dúvida, a ponto de torná-lo constitutivo da personalidade humana. A dúvida amarga é tormento, pode tornar-se veneno para a própria vida e para as dos outros e, quando penetra no coração e na mente, cega, impede ver as coisas como eram vistas antes, leva à depressão e à perda do sentido da vida.

Os psicólogos sugerem aprender a substituir este tipo de dúvida por uma sã incerteza, ligada à constatação de que “neste mundo ninguém é perfeito, todos podem errar” e as situações têm sempre a possibilidade de evoluir para o melhor.

Da dúvida à esperança

O contexto social em que vivemos, as escolhas políticas, sociais, econômicas que prevalecem, induzem a identificar linhas de tendência pouco tranquilizadoras para o futuro do mundo. Tudo parece concorrer para calcar a prevalência do incerto sobre o certo, da suspeita sobre a confiança, do medo sobre a esperança. As vozes mais frequentes que nos chegam da mídia, e também as considerações das pessoas, expressam medo sobre o futuro do planeta terra e da vida humana.

Jean Vanier, nos anos 80, falando a respeito dos jovens escrevia: «Sentem-se impotentes diante dos enormes poderes que dominam o mundo. Há vinte anos atrás os jovens acreditavam que poderiam fazer alguma coisa, agora, porém, estão convencidos de que é impossível fazer algo».

Na vida em conjunto, por outro lado, como em nossas comunidades, as diferenças individuais frequentemente são acolhidas com esforço e nem sempre vividas como oportunidade e motivo de enriquecimento. Com o progresso das ciências humanas e a valorização da pessoa, temos repetido com frequência, nestes anos, que “a diversidade é riqueza”. E estamos convencidas disto, acreditando ser este um sinal de futuro, ao considerar o curso da história sempre mais orientado para a multiculturalidade, a co-presença do diferente. Ao mesmo tempo, as diferenças inter-pessoais tornam-se algumas vezes ocasião de dúvida, chegando a desaguar em atitudes de desconfiança que criam muros de separação e de incomunicabilidade. Para alimentar esta espiral, concorre o medo, não poucas vezes, medo de enfrentar o imprevisível e o desconhecido. É o medo que nos enrosca numa teia de dúvidas também sobre o futuro pessoal e vocacional do nosso Instituto.

Um olhar límpido e livre sobre nós e sobre a realidade, permite-nos, todavia, vislumbrar germes bons também numa terra árida e aceitar as incertezas com realismo, sem deixar-nos seduzir pela dúvida amarga. E entrever horizontes abertos à esperança.

É ainda o cardeal Martini que, compartilhando sua experiência, sugere esta ótica: «Exatamente porque sou receoso, na dúvida digo a mim mesmo: coragem! Abraão era um homem corajoso. Quando foi chamado por Deus apenas o conhecia. Partiu para longe e deixou sua pátria, os seus amigos e a casa de seus pais. Deus o enviou na incerteza e Abraão partiu. Teve a coragem de decidir. Junto com Abraão digo aos meus amigos: coragem! E mais esperança para todos nós na Igreja» (Conversa noturna em Jerusalém, p. 42).

Vivemos num tempo de desafios e de grandes oportunidades, confirmou a assembleia capitular há poucos meses atrás. Os caminhos a serem percorridos necessitam sempre mais, hoje, de coragem, audácia, confiança em Deus, que continua a agir na história. Apesar de tudo. Outros momentos históricos conheceram situações trágicas. E sempre houve homens e mulheres que optaram pela esperança, recusando-se a uma resignação passiva. Etty Hillesum, jovem mulher hebraica morta em campo de concentração, escreveu páginas de luz, num tempo de particular obscuridade. Extraímos do seu diário: «Ah, meu amado Deus, vivemos tempos angustiantes. Esta tarde pela primeira vez encontro-me deitada no escuro com os olhos queimando porque, uma após outra, repassei as cenas do sofrimento humano. Quero prometer-te uma coisa, meu Deus: é mesmo algo pequenino: nunca mais carregarei o meu hoje com as preocupações do meu amanhã, se bem que isto requeira um certo treinamento. Para cada dia basta a sua pena... Podes estar certo de que, de vez em quando, ao vacilar um pouco a minha fé, passarei por maus momentos, mas acredita em mim, trabalharei sempre para ti, ser-te-ei fiel e nunca te afastarei da minha presença... O jasmim que crescia no quintal foi completamente destruído pela chuva e pelo vento destes últimos dias, as suas florzinhas brancas flutuavam em poças negras e lamacentas sobre o teto baixo da garagem. Mas em algum lugarzinho, dentro de mim, aquele jasmim continua a florir tranquilo com a abundância e a delicadeza de sempre. E espalha o seu perfume ao redor da casa onde tu habitas, ó Deus».

Tempos de escuridão, de dúvida acompanham a tua existência, a minha, cada existência: como os rios ‘carsícos’ parecem sugar improvisamente, num redemoinho, cada coisa para o nada. Mas a nossa confiança está no Além. Porque a Vida tem a força de explodir com renovado frescor e fecundidade.

ENCARTE DMA

Os arco-íris já não são suficientes

Vou à escola de bicicleta, gosto de estar com os meus companheiros, sobretudo com Lucrezia, a minha amiga do coração.

Em família sou serena, tenho dois irmãos maiores.

Quando crescer vou ser pintora porque sei desenhar, ou atriz, sei fazer os meus companheiros rir e poderei atuar como comédica mesmo quando tiver vinte anos, ou carteira, porque gosto de andar pelo bairro e uma carteira conhece de fato cada palácio, cada pátio, cada casa, deve divertir-se muito e fazer tantas descobertas e contatos quando gira pelo bairro e depois pode mudar de bairro e recomeçar.

O mundo que sonho é um mundo mais rico de brinquedos, em todos os bairros da cidade, e também mais cheio de lugares para as crianças onde somente elas possam entrar.

E então tenho um outro desejo, um grande sonho. Gostaria de ver com mais frequência o arco-íris, com todas as suas belíssimas cores.

Jolanda B., 11 anos

E ENTÃO TENHO UM OUTRO DESEJO...

* * *

Gostaria de ter uma varinha mágica

Sinto-me feliz, porque vivo numa família que considero bastante perfeita, porque nos queremos bem [...].

Mas quando começo a olhar ao meu redor, percebo que há muitas coisas que não vão bem pelo mundo.

Na minha opinião, todos deveríamos refletir e tomar consciência de que não há necessidade de pensar só em nós mesmos e no nosso bem-estar, mas deveríamos pensar mais nos outros e ajudar a quem precisa. Gostaria de ter uma varinha mágica para acabar com todas as injustiças que há no mundo.

Roberta B. 10 anos

Do livro de Francesca Pansa, *Um mundo perfeito*

Milão, Sperling & Kupfer 2008

* * *

Crianças obrigadas a matrimônios precoces

Anualmente tornam-se mães 14 milhões de adolescentes obrigadas a matrimônios precoces, segundo os dados do relatório de 2008 sobre a situação da população no mundo, redigido pelo *Fundo da ONU para a População* (Unfpa) e apresentado em 13 de novembro último, nas diversas capitais do mundo.

A estimativa do relatório é de 51 milhões de adolescentes ou crianças já desposadas, em 90 por cento de casos nos Países em desenvolvimento.

Segundo a Unfpa, os matrimônios precoces expõem crianças e adolescentes ao risco de exploração, doenças e pobreza.

O relatório – *Pontos de convergência: cultura, gêneros, direitos humanos* – concentra-se sobre os fatores culturais e sobre como eles incidem na violação dos direitos humanos, incluídos os de gênero.

A Unfpa solicita por conseguinte ações de política cultural. São de fato propriamente os fatores culturais que não permitem às mulheres o acesso aos cuidados, à informação, à instrução, aos serviços e aos recursos.

Entre as denúncias do relatório, a condição das adolescentes nos Países em via de desenvolvimento é considerada grave e emblemática.

O relatório sublinha como as jovens esposas não gozam de nenhum poder em casa e raramente estão envolvidas nas decisões.

De modo mais geral, o relatório da agência Unfpa confirma também neste ano a situação alarmante em que vivem no mundo as mulheres.

COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

O microcrédito para a qualidade de vida - *Mara Borsi*

O processo de divulgação do microcrédito no Instituto da FMA, atualmente, está ligado a benfeitores, a fundos de rotação instituídos nas inspetorias ou ao apoio de inspetorias solidárias mais que a Institutos de microfinança.

O interesse e a necessidade de fazer frente aos apelos da pobreza e da educação, por parte das mulheres, jovens e famílias, orienta microprojetos de produção e de formação ligados sobretudo a escolas profissionais, centros sociais, casas família para jovens em situação de risco.

Formas de microcrédito e de microeconomias espalharam-se por todos os continentes. Na *Ásia* encontramos experiências consolidadas na Índia, onde as diversas inspetorias FMA atingem mais de 35.000 mulheres, nas Filipinas, no Camboja, no Vietnã.

Nestes Países, às atividades de cultivo, pecuária, pequenos comércios informais une-se a possibilidade de educação para os filhos e de melhoria das condições de vida para a família inteira, além de favorecer a capacitação das próprias mulheres.

Na *América Latina* existem microcooperativas frequentemente ligadas a casas de acolhida para moças em situação de risco.

Nestas obras, enquanto se favorece às jovens o aprendizado de várias profissões, por meio da gestão da cooperativa, provê-se à auto-sustentação da mesma obra.

Na *África*, as atividades de microcrédito foram lançadas em Zâmbia, Benin, Camarões, Costa do Marfim, Moçambique, Angola, República Democrática do Congo, Etiópia, Madagascar. No Instituto, é menos significativa a presença de microeconomias – microcrédito na *Europa*, onde existem algumas experiências na Albânia, na Itália e, sendo lançada, na Polônia.

O microcrédito em Tale (Albânia)

Marjana Gjura é a quarta de dez filhos, os pais chegaram de Puka, extremo norte da Albânia, à procura de um lugar perto da cidade, sonhando um futuro diferente para os filhos. Um barraco de papelão num terreno ilegal e muitos irmãozinhos para cuidar, mas também a alegria de poder estudar. O pai havia lhe dado a permissão de estudar com as irmãs de Shenkoll, mediante uma bolsa de estudos, mas depois, pela falta de trabalho do pai, precisou desistir e voltar para casa. No momento frequenta o Centro de formação profissional da aldeia e é uma das mais assíduas.

Valmira Çuni, terceira de seis filhos. Órfã de pai, terminou a escola média, no momento espera em casa pelo matrimônio. A família é pobre mas digna: a mãe não trabalha; uma vaca e algumas galinhas constituem sua riqueza.

Escutam-se as jovens: quantos sonhos! Pensa-se numa *pizzaria-byrektore*, num forno para o pão, numa geladeira, no comércio de detergentes e no final decide-se pela produção de pizza e *byrek*, também porque se poderá oferecer às crianças da escola vizinha, aos alunos do Centro e no verão, na praia. Marjana e Valmira são as duas jovens escolhidas pelas FMA de Tale para dar início à

atividade por meio de microcrédito. O crédito de partida é de 4.200 euros que permite comprar o forno para a pizza, a máquina niveladora, uma mesa, um lavatório e o material de consumo: farinha, óleo, tomate, queijo.

As FMA propõem-se alcançar os seguintes objetivos: educar as jovens à expectativa de sucesso, acompanhar e apoiar a primeira experiência profissional, fornecer um alimento sadio às crianças do lugar, criar oportunidades de trabalho na aldeia e evitar os riscos da emigração clandestina.

As jovens iniciaram a produção de *pizza, byrek e doces*; a restituição do empréstimo começou depois dos primeiros 5 meses, mensalmente nos primeiros 10 dias, sem nenhuma exigência. As dificuldades que até então surgiram são relativas à fadiga dos pais para aceitar o risco de algo novo, as resistências do clã familiar, a falta de luz, as estradas em mau estado que dificultam o transporte daquilo que as meninas produzem.

Os encontros de avaliação nos primeiros seis meses realizam-se uma vez por semana, depois uma vez por mês até à restituição total. O empréstimo poderá ser requisitado ou reinvestido somente quando for restituído totalmente.

Os resultados esperados são: o trabalho seguro às duas jovens para manter a família, a possibilidade de formá-las na honestidade e na cidadania ativa, criar oportunidades de trabalho, estimular as mães a melhorar a cozinha, a fazer coisas simples e nutrientes para as crianças.

O sonho é ter um forno para fornecer o pão a toda a aldeia, é dar esta mesma oportunidade a outras adolescentes e jovens mães porque são a faixa mais fragilizada e sem voz da aldeia, e também porque as jovens oferecem maior garantia de seriedade e de continuidade ao trabalho.

mara@cgfma.org

Os programas de microcrédito fornecem pequenos empréstimos a microempresários ou grupos de pessoas que têm grande necessidade de recursos financeiros para iniciar modestas atividades produtivas rurais e urbanas da economia informal.

A renda que daí deriva é aplicada à melhoria das condições de vida das respectivas famílias, com uma ampla vantagem para a comunidade local.

O microcrédito, além de permitir aos operadores informais o acesso aos financiamentos, promove também um aumento do poder de crescimento econômico e de melhoria da qualidade de vida.

(Cooperação ao desenvolvimento. Orientações para o Instituto das FMA, p. 30-31).

PASTORALMENTE

Jovens: no tempo e no espaço – *Emilia Di Massimo*

“A nova e original gestão do tempo é um dos elementos que caracteriza grande parte do planeta juvenil... A criatividade e a vitalidade, são gastas em um outro tempo que se desenvolve em espaços diferentes dos tradicionais: as discotecas, os centros comerciais, os concertos... São os novos areópagos que apontam para a forte criatividade juvenil... A vida paralela desenvolve-se principalmente nas horas noturnas, longe do mundo dos adultos...” (Linhas orientadoras da missão educativa das FMA, n. 16). Que olhar é exigido de quem quer educar e alcançar os jovens lá onde eles estão? Nas relações, e com maior razão na relação educativa, é fundamental refletir sobre as duas categorias básicas de espaço e tempo, não tanto em sentido ontológico e filosófico, porém num sentido mais experiencial, para contribuir à atuação daquele olhar sábio e auto-reflexivo do qual a geração de adultos necessita.

Heráclito afirmava que “a verdadeira natureza das coisas gosta de esconder-se”. Parece mesmo ser assim, a realidade dos jovens que gostam de viver à noite e nela encontram o seu espaço autêntico.

Talvez, mais que uma análise sociológica a respeito, ocorre refletir sobre a metáfora que espaço e tempo podem significar, sobretudo para os educadores e educadoras.

Não podemos compreender o espaço habitado pelos jovens sem fazer emergir a importância do espaço interior entendido como a capacidade de aprender a criar espaço também dentro de nós, para conhecer, re-conhecer, cuidar. Talvez, assim, os dois espaços poderão encorajar-se no seu crescimento, porque “o mundo é grande, mas o nosso interior é mais profundo que o mar”, recita um verso de Rilke. É com frequência o espaço interior que dá sentido ao exterior e o faz ressoar em nós, e através da ressonância elimina as fronteiras que construímos em nossas paisagens mentais, permite-nos transformar as fronteiras em limites e confins que, como bem sabiam os gregos, são lugares onde alguma coisa não acaba, mas começa a sua essência. Real diálogo começa com os jovens para colher ainda hoje e sempre uma busca de sentido, mesmo se muitas vezes não expressa. E o tempo? A existência é antes de tudo um processo no tempo, um ser no tempo, e a educação, neste contexto pode transformar-se na metáfora da vida, incessante vir-a-ser.

Esperar

Uma relação educativa necessita de um relacionamento com o tempo, conjugado com o verbo “esperar”. Espera-se a tomada de consciência de que aquilo que acontece na relação educativa, nunca será inteiramente verificável de imediato, mas se transformará em um fruto com lenta maturação, “os seres humanos não nasceram para morrer, mas para começar”, recorda-nos Hannah Arendt.

Espaço e tempo, para os jovens, têm um único nome: a noite.

Uma recente pesquisa relativa a este assunto, afirma: «Passando do sentido da noite à avaliação do efetivo protagonismo dos jovens nos percursos da noite, observa-se um estranho hibridismo que nasce do fato de que muitas das testemunhas adultas entrevistadas percebem os jovens contemporaneamente como protagonistas e como consumidores. De fato, eles afirmam que os jovens são protagonistas enquanto sujeitos privilegiados aos quais são destinadas várias ofertas de consumo da noite e enquanto plenamente envolvidos no turbilhão das atividades noturnas. Nesta avaliação dos adultos exprime-se o típico paradoxo do modelo de consumo que exige dos consumidores ser protagonistas da oferta a eles dirigida e para a qual não contribuíram minimamente. Este reconhecimento de protagonismo duvidoso por parte dos adultos talvez seja o modo de evitar reconhecer que os jovens, no atual clima social, não têm espaços reais de protagonismo na vida social, a não ser como consumidores». Lendo isto, é preciso levar em conta que o que foi dito é uma verdade em nível mundial, porque faz parte da globalização.

Pode-se dizer que adultos e jovens, no interior de um espaço-tempo comum, habitam dois mundos que, se por um lado são diferentes, por outro são complementares e que um não pode existir sem o outro.

Além das breves considerações feitas, permanece a realidade de que a noite é para muitos jovens um espaço existencial importante, de busca muitas vezes falida de uma dimensão de si mais autêntica, de uma liberdade, de uma autonomia e de um protagonismo que a realidade social diurna habitualmente não lhes oferece.

Esta busca, que em grande número de casos se transforma na busca da orgia e da transgressão, é contudo o sintoma de uma necessidade de significado existencial, de descoberta de si, dos próprios limites e das próprias potencialidades, que os adultos não podem ignorar. A responsabilidade educativa dos adultos requer que eles pesquisem o que está por trás de determinados comportamentos.

Ler o vivido

Ocorre ler nas experiências dos jovens seus questionamentos: pedidos tácitos de protagonismo e de auto-realização, de comunicação autêntica com os outros, de significado da vida e de futuro. Mesmo se frequentemente são banalizados pelos próprios jovens, pela resposta que dão, em termos exclusivamente consumistas, buscando em rituais, em comportamentos transgressivos ou de risco e em auxílios externos como o álcool e as drogas, alguma coisa dentro deles e na sua vida.

A educação deveria materializar-se na oferta de lugares, espaços, encontros com adultos significativos, memória e projetos nos quais os jovens possam reencontrar-se em vista de um projeto e como protagonistas da própria vida, exprimindo e desenvolvendo os recursos de que são portadores. Portadores de sementes e de sonhos de futuro. A noite é um dos lugares em que hoje está em curso uma profunda transformação da cultura social. É portanto um local de crise, um local aberto tanto para a regressão destrutiva quanto para a evolução criativa. Se a noite for abandonada às mãos dos exploradores, a saída evidentemente será negativa, enquanto que, se se tornar o lugar simbólico, será o ponto de partida para uma abertura da vida social para o futuro, oferecendo aos jovens um novo protagonismo e uma nova responsabilidade, a crise pode gerar um salto evolutivo criativo...

Mas acreditamos que a beleza do carisma que nos foi dado, já esteja realizando o sonho de muitos jovens!

POLIS

Mulheres de preto – *Graziella Curti*

A violência contra as mulheres não tem limites, faz vítimas tanto nos países industrializados como nos países em desenvolvimento. Desconhece as diferenças sociais ou culturais: as vítimas e os seus agressores pertencem a todas as classes sociais e a todas as castas. Segundo o relatório do “Panos Institute” a violência é a primeira causa de morte, mais que o câncer e a guerra: um luto contínuo que parece não encontrar solução.

Para as mulheres entre 15 e 44 anos a violência é a primeira causa de morte. Este dado chocante provém de uma pesquisa da Universidade de Harvard, e faz parte do relatório preparado para a abertura de uma assembleia das Nações Unidas sobre a condição feminina. Reúne estudos e pesquisas sobre o problema da violência contra as mulheres, efetuados em todas as partes do planeta por organismos e institutos nacionais e internacionais.

Este documento mostra a dramática fotografia de uma realidade que não poupa nenhuma nação e nenhum continente.

Violência doméstica

Segundo a “Organização mundial da saúde”, ao menos uma mulher em cada cinco sofreu abusos físicos ou sexuais por parte de um homem, no curso de sua vida.

Como se pode verificar pelas notícias dos jornais, o risco maior são os familiares, maridos e pais, seguidos pelos amigos: vizinhos de casa, pessoas conhecidas e colegas de trabalho ou de estudo. Na Grã Bretanha, por exemplo, anualmente uma mulher em dez é espancada até sangrar pelo companheiro, marido ou amante que seja.

No Canadá e em Israel é mais provável que uma mulher seja assassinada pelo próprio companheiro do que por um estrangeiro. Na Rússia, um homicídio em cinquenta é realizado pelo marido contra a mulher.

A violência contra as mulheres é generalizada, mesmo nas avançadas democracias escandinavas.

Quanto ao mundo em desenvolvimento, as informações, quando possíveis, se fazem ainda mais dramáticas, mas ao mesmo tempo fica mais difícil colher dados precisos, seja porque as pesquisas estatísticas são menos frequentes e acuradas, seja por razões perfeitamente culturais. Em muitos países em desenvolvimento, espancar a mulher faz parte da ordem natural das coisas, uma prerrogativa masculina ainda indiscutível: em um distrito do Quênia, 42% das mulheres entrevistadas foram regularmente espancadas pelo marido.

Os números da vergonha

A pobreza também faz vítimas sobretudo entre as mulheres: no Nepal, cerca de 10 mil adolescentes por ano são vendidas pelas famílias para serem encaminhadas à prostituição. No sudeste da Ásia, os traficantes selecionam as comunidades mais fragilizadas, chegam às aldeias durante um período de seca ou de uma carestia e convencem as famílias a vender as filhas por pouco dinheiro.

Um problema específico de algumas culturas africanas é o da mutilação genital, amplamente praticada nos dias de hoje e efetuada quase sempre em condições sanitárias abomináveis, sem anestesia e, sobretudo, em crianças também em tenra idade. Os efeitos sobre a saúde são devastadores, e afetam as mulheres em cada momento de sua vida sexual e reprodutiva. Hoje seriam 130 milhões as mulheres que sofreram este tipo de mutilação, e os fluxos migratórios estão levando o problema (e suas consequências) para as ricas civilizações ocidentais.

O estupro é outra chaga que afeta todas as partes do globo: os dados da "Organização Mundial da Saúde" fixam entre 14 e 20% o número de mulheres que, nos Estados Unidos, sofreram um estupro durante a vida. Percentuais análogos são indicados por estudos efetuados no Canadá, Coreia e Nova Zelândia. A violência sexual é também uma arma de guerra, apenas há pouco tempo reconhecida como tal pelas leis internacionais (resolução ONU, junho de 2008).

O rosto desfigurado

Era novembro do ano passado (2008) quando quinze jovens estudantes afegãs de Kandahar, foram atacadas e desfiguradas com ácido. «Estávamos na metade do caminho para o liceu, quando dois homens de moto pararam perto de nós.

Um deles jogou ácido no rosto de minha irmã, procurei ajudá-la e jogaram ácido, também em cima de mim», relata Atefa, 16 anos, do seu leito de hospital. Enquanto isso, no leito ao lado sua irmã Shamisa, de 18 anos, contorce-se e geme de dor com o rosto completamente desfigurado pelo ácido.

Eram quase 8 horas da manhã, as jovens dirigiam-se ao liceu feminino 'Mirwais Nika', cobertas pela burca, o que provavelmente as salvou do pior. Os agressores, depois de terem borrifado ácido no rosto delas com uma pistola de brinquedo, fugiram em seguida aos gritos das jovens. O gesto não foi reivindicado mas a cidade do sul do Afeganistão é berço e reduto dos talibãs: nos seus cinco anos de ditadura (de 1996 a 2001), os estudiosos do Corão haviam proibido por lei a educação para as mulheres. O ácido usado é de bateria de máquinas. Um líquido que em poucos instantes corrói até a madeira. Imaginemos o que pode fazer no rosto de uma pessoa. Destroi o rosto, prejudica a visão e, algumas vezes, provoca a cegueira. Até a audição, a respiração e a mastigação ficam comprometidos. Frequentemente, as garotas afetadas não podem nem mesmo mover a cabeça porquanto o pescoço fica prejudicado. A mulher que sofreu este horrível tratamento deixa de ser um membro da sociedade. Não pode fazer qualquer projeto de vida. O seu futuro é viver marginalizada, sustentada apenas pela compaixão dos parentes.

curti@cgfma.org

Disseram

Declarações de mulheres empenhadas contra a violência

"Ficar unidas", "aderir às outras mulheres", "atuar em rede", "atuar em massa", "disponibilizar informações para as mulheres" são estas as frases que foram ouvidas com mais frequência em nossa assembléia.

A violência contra as mulheres é um câncer que devora o coração de toda a sociedade, em todos os países do mundo.

Tanto em tempo de paz como em tempo de guerra, as mulheres sofreram atrocidades simplesmente pelo fato de serem mulheres.

(Amnesty International)

FMA contra a violência sobre as mulheres

O escritório para a promoção da mulher do Âmbito para a Família salesiana, nas atividades de combate ao tráfico das mulheres e das crianças, nestes últimos quatro anos, foi envolvido na organização, em nível internacional, pelos cursos de formação às religiosas para combater este fenômeno do tráfico, que é uma grave violação dos direitos humanos.

Os Centros diretamente interessados na atividade de assistência e proteção às mulheres vítimas são: a comunidade de Via Giulio, em Turim e a comunidade de Tirana, na Albânia.

A comunidade de Battambang, no Camboja, trabalha no âmbito da prevenção das jovens expostas a serem vendidas aos traficantes.

O centro profissional para as jovens mulheres em Cebu, nas Filipinas, colabora com as Irmãs do Bom Pastor na formação profissional das jovens. Sempre com este objetivo, é a iniciativa da Inspetoria Madre Mazzarello de Belo Horizonte, em rede com o Centro Universitário FUMEC no Programa de Defesa às Vítimas da Violência em Casa, iniciado em 2002.

Todos os centros para as jovens em risco se ocupam de quem sofreu vários tipos de violência, também em tenra idade.

Os centros trabalham para a reconstrução da dignidade humana e para o fortalecimento social, cultural, espiritual e econômico a fim de tornar as jovens mais autônomas e superar a vulnerabilidade à violência de todos os tipos.

As iniciativas no âmbito do fortalecimento econômico por meio de grupos de Auto Ajuda (Self Help Groups) só na Índia agregam mais de 50.000 mulheres. O mesmo objetivo é realizado também em outras partes do mundo através do desenvolvimento do empreendedorismo, do microcrédito e pequenas atividades rentáveis. Como atividades de apoio a tais atividades, os programas sócio-culturais visam a promover a auto-estima e a capacidade de decisão nas mulheres.

JOVEM.COM

Longa vida ao rei dos videogames

Maria Antônia Chinello e Lucy Roces

Quando o Wii foi lançado no final de 2006 parecia destinado ao papel de Cinderela, entre colossos como a Play Station 3, da Sony, e do Xbox 360, da Microsoft. Em vez, ganhou rapidez e facilidade de uso. Sim, porque o sucesso do Wii está no seu controlador dotado de sensores de movimento, capazes de transformar-se em raquete de tênis e na tela tátil do Ds. Pois, o que conta, explicam os especialistas do setor, não é a potência do hardware, mas a relação que se consegue criar entre homem e máquina. Eis porque nos interessa.

As críticas diante dos videogames sempre foram ásperas: corruptores dos valores morais, aliciadores do pensamento, geradores de jovens comodamente abandonados sobre os sofás imersos num mundo todo deles de fantasias perigosas.

Eram só os últimos exemplos de uma corrente destinada a gerar suspeitas perante as novas e familiares formas de entretenimento.

Em cada geração é sempre a mesma história: os jovens adotam novas expressões de entretenimento, os adultos os ignoram. Então a gente cresce. A nova mídia passa a ser aceita e ao aparecimento da enésima inovação tecnológica, o ciclo se repete.

Os videogames não constituem a novidade destes últimos anos no horizonte de entretenimento dos pequenos, dos jovens, dos pré-adolescentes e adolescentes. A origem destes jogos eletrônicos remonta à metade do século XX graças a um programa de computador destinado ao jogo de xadrez.

A possibilidade de jogar tênis chega mais tarde, em 1958. Aproximadamente cinquenta anos depois, a Nintendo lança no mercado Wii, um aparelho inovador que permite aos jogadores "saltar" diante do vídeo simulando partidas de boxe, competição de ski e outros esportes.

O que é o Wii?

Mais de dois anos após sua aceitação no mercado, o sucesso do Wii superou toda expectativa. Agora já é considerado a ponta de diamante no panorama dos jogos eletrônicos.

Não foi uma surpresa o fato de o *Time Magazine* ter incluído Shigeru Miyamoto, o criador do Wii e "pai dos videogames modernos", entre as cem personagens mais famosas de 2008.

A Nintendo, de fato, não se dirigiu aos jogadores tradicionais dos 18 aos 35 anos que tinham utilizado videogames de luta ou de corridas. Dirigiu-se, em vez, a um usuário diferente e esta escolha mostrou-se vencedora: após cinco meses do lançamento foram vendidos seis milhões de plataformas Wii e cerca de 29 milhões de Wii games.

O aparelho tornou-se um fenômeno cultural. Nos Estados Unidos, para além da crise econômica, o Wii está em primeiro lugar na classificação de vendas. Em novembro de 2008 dobrou o faturamento alcançado no mesmo mês do ano precedente, vendendo mais de 2 milhões de plataformas.

Mas a "Wii-mania" não é apenas estadunidense. Também no Japão, os 6,9 bilhões de dólares da indústria de jogos femininos foram suplantados pelo avanço do Wii. Na Itália, a notícia da ultrapassagem histórica do novo aparelho Nintendo, tem poucos meses. O mundo dos videogames tem um novo rei. Depois de vinte anos de domínio, o lendário *Super Mario Bros*, deve ceder o trono ao "irmão" *Wii Sports*, do *Nintendo Entertainment System*.

O que emerge de um recente estudo da Nielsen nos Estados Unidos é, porém, a presença simultânea dos sistemas "tradicionais" e dos mais inovadores. O vídeo-jogador que emerge destes dados tem portanto mais energia e mostra como a chegada dos sistemas originais não significa necessariamente o abandono dos tradicionais. Hoje, o Wii apresenta-se dotado de Wi-Fi para o acesso à Internet e de uma interface de controle, o *Wii Remote* ou *Wiimote*, que permite entrar em ação: os jogadores desenham o seu personagem chamado Mii que depois aparece na tela e repete os movimentos que o jogador mesmo simula (como, por exemplo, jogar tênis, golfe, simular uma luta de boxe). É o *adeus* ao jogo sentados no divã, apertando botões, e o *seja bem-vindo* à realidade virtual.

Não só para os jovens

Quando a Nintendo lançou o Wii, revolucionou a idéia dos videogames. Enquanto os aparelhos tradicionais atraem os jovens com atitudes anti-sociais, o Wii envolve pessoas de todas as classes sociais, atraindo-as de todo o mundo e lhes oferecendo um divertimento intuitivo, familiar e amigável. Mulheres, pais, idosos têm sido atraídos pelo Wii.

Em vez dos jogos de ação e simulação violenta, promove ofertas como *My Life Coach* (um jogo para motivar a mudança dos hábitos fazendo apelo à própria vontade) ou *My Word Coach*, que ajuda os jogadores a melhorar sua comunicação verbal e a enriquecer o próprio vocabulário, de um modo divertido. O último fruto da Nintendo é o sistema interativo de homefitness, *Wii Fit*. Este jogo, baseando-se no movimento físico, tornou-se popular também no campo da medicina, entrando no mundo da reabilitação como uma aparelhagem terapêutica digital. O conceito novo de *Wiihab* fornece métodos de tratamento exclusivo para pessoas com doenças e problemas físicos ou cognitivos como os autistas.

O que acontece com as crianças?

Sabendo que para as crianças a movimentação é vital, algumas escolas, sobretudo as localizadas em bairros com pouco espaço para atividades ao ar livre, adotaram o Wii nas horas de educação física promovendo assim uma proposta não tradicional para o ensino de tênis, baseball, pugilismo, boliche.

As aulas de música podem utilizar também a tecnologia Wii. A *National Association for Music Education*, reconhecida como a maior organização de instrução de arte no mundo, colaborou com a Nintendo num programa de música Wii.

É um instrumento único para a criatividade e a improvisação através da utilização do jogo com mais de 60 instrumentos para divertir-se com exercícios de ritmo, tempo e estrutura da canção.

Os professores de música podem utilizar o Wii para familiarizar os estudantes com a tecnologia e contemporaneamente desenvolver suas habilidades criativas e de improvisação.

Há também uma utilização para crianças autistas. A terapeuta profissional Joan Sauvigne-Kirsch recentemente ganhou um prêmio de uma organização sem fins lucrativos que apoia a inovação nas escolas, por adquirir um aparelho de Wii a fim de usá-lo com os próprios estudantes que têm distúrbios de autismo.

O escopo de sua busca é avaliar se os jogos Wii podem melhorar o desempenho dos estudantes em classe. Muitas crianças com autismo têm problemas de *input* sensorial, afirma Sauvigne-Kirsch, e isto torna difícil sua concentração sobre os deveres a serem feitos em classe. Ela espera que utilizando o Wii, com sua mistura de informações sensoriais e tarefas motoras e visuais possa ajudá-los no desempenho escolar.

Qual Wii usar?

É interessante notar que a palavra Nintendo é a transliteração do nome da sociedade japonesa *nintendou*. As primeiras duas sílabas (nin-tem) podem ser traduzidas em inglês como “fidelidade ao céu”, *dou* pode ser entendida como a “sala” ou o “negócio”.

Do mesmo modo como aprendemos aquilo que interessa ao mundo dos jovens, podemos aprender a adequar a tecnologia Wii às nossas obras educativas e pastorais para levar os jovens “ao céu”.

mac@cgfma.org – srlmroces@cfma.org

A “outra” Rede – *Open Office*

OpenOffice.org (abreviado em OOo) é uma suíte de propriedade *Sun Microsystems*. É um software de produtividade pessoal, uma aplicação que permite ao usuário de computador criar conteúdos como documentos de texto, apresentações ou gráficos. OpenOffice.org é a mais importante alternativa à aplicação para escritório dominante: Microsoft Office. O pacote compreende as aplicações *Writer* (word processor); *Calc* (folha de cálculo); *Draw* (programa de gráficos vetoriais); *Impress* (programa para criar apresentações); *Math* (editor de fórmulas matemáticas); *Base* (database). Tem a característica de ser compatível com os formatos de arquivos do Microsoft Office (.doc), que deveria ativar uma passagem a esta plataforma; está também capacitada para ler numerosos outros formatos como .rtf e .xhtml. Ultimamente, muitas administrações públicas internacionais adotaram este programa para gerir as relações com os cidadãos.

OpenOffice.org está disponível em cerca de 70 versões lingüísticas oficiais, a que se acrescentam projetos de localização “regionais” como, por exemplo, a tradução aos dialetos da língua zulu patrocinada pelo governo sul africano. Em particular *Writer*, o elaborador de textos, é semelhante à Microsoft Word, mesmo se apresenta características próprias, como a possibilidade de exportar os documentos diretamente em formato PDF. É também implementada a função de exportação dos documentos em formato *Meida Wiki* (Wikipedia). Desde 2007 está disponível como extensão *Sun Weblog Publisher* para criar/publicar Blog. OpenOffice.org convida a **tentar alterar** para combater o domínio da Microsoft Windows no mercado tecnológico, tanto *hardware* como *software*.

Resenha de sites interessantes

<http://www.soleterre.org/>

Site em italiano e inglês, da associação humanitária ONLUS *Soleterre* que está presente na Itália e fora da Itália para garantir a aplicação dos direitos invioláveis dos indivíduos. Com o seu próprio pessoal fornece serviços sanitários e educativos e garante alimentação principalmente a crianças e mulheres que se encontram em estado de pobreza absoluta. *Soleterre* está empenhada na criação do desenvolvimento econômico e social nos países em desenvolvimento e nos países emergentes segundo uma lógica que parte do pressuposto de que o desenvolvimento humano está ligado ao desenvolvimento econômico, sanitário e educacional.

http://www.tdhitaly.org/chi_siamo.php

Site em italiano e inglês de "*Terra dos homens* (Thd) Itália" Onlus, uma das mais ativas e reconhecidas organizações não governamentais (ONG) centradas sobre a defesa dos direitos da infância nos países em desenvolvimento, sem discriminações de ordem política, racial ou religiosa. É membro da Federação Internacional *Terra dos homens* (IFTDH) com sedes na Bélgica, Canadá, Dinamarca, França, Alemanha, Itália, Luxemburgo, Países Baixos, Espanha, Suíça, Síria e está presente com 1.164 projetos, em 72 países. *Terra dos Homens Itália* atua em 22 países e 3 continentes com projetos de ajuda humanitária de emergência e de cooperação internacional para assegurar os direitos fundamentais das crianças, em particular para garantir o direito de brincar, o direito à formação, à instrução e à saúde.

<http://www.cwa.tnet.co.th/>

Site de *Child Workers, na Ásia* (CWA), nascido em 1985 como grupo de apoio às crianças trabalhadoras na Ásia; propõe-se como network contendo links e informações entre as associações que atuam em favor da tutela das crianças trabalhadoras, com formulários, por país, relativos à atividade, aos projetos e aos documentos produzidos, links para sites interessantes, ampla bibliografia sobre o tema, fórum e textos dos inquiridos e dos relatórios elaborados pelo CWA.

<http://www.unimondo.org/>

Site intercultural para o desenvolvimento humano sustentável; no interior, na rubrica *Guide*, pode-se entrar na seção *Trabalho infantil* que contém link para documentos e organizações internacionais.

VÍDEO – *Mariolina Parenteler*

ONCE (Uma vez) – de John Carney – Irlanda, 2008

Lançado pelo «Sundance» de Redford, «Once» é um filme independente que se tornou um evento na América: no verão passado conseguiu sete milhões de dólares, conquistou público e crítica e obteve os elogios de Spielberg e Dylan. Rodado em 2006 em apenas 17 dias e tendo custado apenas 100 mil euros, este musical do irlandês John Carney foi lançado na Itália no fim de maio de 2008 graças a Sacher de Nanni Moretti. Vencedor de diversos prêmios, entre os quais um Oscar pela melhor canção *Falling Slowly* (Caindo lentamente), e a «World Cinema Audience Award» pela obra que mais tocou o coração

dos espectadores; um Independent Spirit Award pelo melhor filme estrangeiro e o National Board of Review Awards 2007. Um filme corajoso que põe em cena um musical em total contra-corrente com as características do gênero. Um musical atípico portanto, com aparência de documentário, capaz de relatar uma pequena grande história de amor puro entre dois jovens que se encontram e “se falam” pela música. Não por acaso, é dirigido pelo diretor dublinense, de trinta e sete anos que durante anos fora baixista do grupo irlandês The Frames, e interpretado por outros dois verdadeiros musicistas – Glen Hansard fundador da banda Frames, e Markéta Irglová, de vinte anos, cantora de Praga. Não “interpretam” personagens acoplados um ao outro, mas relatam-se mutuamente pondo em cena o nascimento de uma série belíssima de canções: as suas canções. Um filme simples, portanto, mas sincero e inspirado, do qual o mesmo Carney diz: “Nasce da minha experiência pessoal. Na época, quando escrevi o filme, vivia em Dublin e a minha namorada em Londres. Então me veio a idéia de descrever a história de um amor à distância que resiste às tentações”.

Trabalho agradável, para ser ouvido-sentido. Para ser apreciado, na sua limpidez e espontaneidade.

Sim, existem ainda as canções de amor...

«Difícilmente uma história contemporânea de amor poderia ser relatada de modo mais autêntico, delicado e simples como a relata *Once*» - escreve com competência a crítica. Mas, se a história mais velha do mundo, “rapaz encontra garota” não acontece diariamente, usar um esquema tão simples e universal para inverter a relação entre o cinema e a música, sujeitando o primeiro à segunda sem cair no lugar-comum é ainda mais raro. A história é de uma simplicidade que desarma. Um jovem músico itinerante está cantando uma canção de amor numa estrada em Dublin. Uma garota ainda mais jovem detém-se para escutá-lo e começa a lhe fazer perguntas pessoais. «Esta canção é sua? Você a escreveu para alguém que lhe fez sofrer? Você a amava muito? Escreveu esta maravilhosa canção para reconquistá-la?». Os dois protagonistas não têm outro nome no filme: são o Rapaz e a Garota: uma solução perfeita para um encanto a partir da “fábula realística, universal e atemporal”. Quantas vezes acontece que passantes caíam na conta de que as suas composições: 1º - são originais; 2º - brotam de fatos pessoais profundamente dolorosos? Ele diz a ela que de dia canta músicas não suas, canções conhecidas e mais apreciadas. À noite canta para si mesmo, em todos os sentidos. Tal como na mais clássica tradição *chaplíniana*, a Garota é uma vendedora ambulante de rosas: uma imigrante checa que vive miseravelmente. É pianista e vive de trabalhos humildes na metrópole irlandesa. Mora com a mãe e com sua filhinha. É separada do marido, muito mais velho que ela, que ficou em sua pátria. O Rapaz, em vez, deixou Londres e a mulher que o havia traído. Retornou à sua cidade natal para... curar as feridas, e ajudar o pai, viúvo, na oficina de consertos de aspirador de pó. A Garota, por acaso, tem um aspirador quebrado do qual nasce um encontro. O Rapaz fica impressionado com sua perícia no teclado: pergunta-lhe se quer colaborar com ele em algumas canções. Está procurando organizar e gravar um álbum, o famoso «demo disc» para levar aos agentes e editores musicais, na tentativa de retomar a sua carreira interrompida... E assim, cena após cena o filme acumula situações de tal modo verossímeis a ponto de não eliminar a desconfiança necessária para saborear em profundidade uma obra de ficção. *Once* é um daqueles filmes tão delicados e tocantes que ao ser relatado se estraga. Exatamente o que sucede quando se escuta a música: é preciso deixá-la fluir em nossa mente e em nosso coração. O coração é o terceiro olho que o observador é chamado a abrir diante de filmes deste gênero. É um dado de fato que em *Once*, a fusão entre o “pouco” que acontece e a plena emoção que Carney chega a acender com um punhado de personagens não profissionais, é uma das verdadeiras surpresas do ano. Por meio de uma câmera manual que permite ao musical reencontrar sua dimensão realista, entra-se nos seus sentimentos, nas suas vidas, embora se cruzem brevemente, presenteiam-se com a Arte e a sua alma com a mais profunda recuperação: a esperança.

***Para pensar:* SOBRE O FILME - Relatar uma história de amor esboçada com pureza por meio de canções autobiográficas, com protagonistas que não têm nenhuma experiência de teatro, pois se trata de musicistas profissionais.**

Glen Hansard (o Rapaz) é chefe de uma banda irlandesa, nem ele nem a Garota são atores profissionais, mas compositores e musicistas de talento que colaboram “na vida real” e realizam este filme com custo baixíssimo. Cheio de música do início ao fim, os dois se dizem tudo através das palavras e melodias sem ênfase. Mas a ação continua e, quase sem perceber, a escuta assimila o encanto da harmonia profunda. Os dois parecem feitos um para o outro, mas o único abraço que viverão é o criativo, num dueto extraordinário: ele, à guitarra e ela ao piano, cantando Falling slowly. Não há nem mesmo um beijo, somente um pequeno flash de vida para mostrar-nos a Irlanda ‘underground’, precisamente a Irlanda da música e do cinema, vivida pelo diretor. Irlanda multi-étnica, invadida pelos imigrantes do Leste para trazer (não só para obter) riqueza humana. As cenas pelas estradas de Dublin foram rodadas sem autorização e com teleobjetiva, de modo que os passantes não percebessem a filmagem e os “atores” não se alterassem a fim de que as cenas fossem e parecessem “reais”.

SOBRE O SONHO DO FILME - «Levanta a tua voz cheia de esperança – tu sofreste o bastante e lutaste contra ti mesmo. É tempo de vences. Toma esta barca que está se afundando e volta para casa...»

Ainda temos tempo – levanta a tua voz cheia de esperança... Tens a possibilidade de escolher e conseguieste!»

Assim ressoam e cantam no coração do filme as notas dulcíssimas da canção/mensagem. Once não tem nada de previsível nem de sentimental. É o relato sobre duas pessoas que cresceram “com as asas quebradas”, que se ajudam para retomar o voo. Ela, uma garota fugitiva que chegou de Praga e que, mesmo parecendo ser uma das tantas almas perdidas pelas ruas da cidade, esconde um dom: tesouros de sentimento e de sabedoria nos dedos e na voz.

Descobre por acaso e sintoniza de repente com o dom criativo do outro - o cantor desiludido e vagabundo. Juntos saberão realizar o que de melhor a vida pode sonhar alcançar: “voltar para casa”, a própria casa!

ESTANTE VÍDEOS – *Mariolina Perenteler*

Machan

Uberto Pasolini – Itália – Sri Lanka – Alemanha – 2008

Curiosíssima estréia do diretor Uberto Pasolini, que na sua carreira já produziu filmes famosos como «Full Monty» e «As novas vestes do imperador», é uma obra agradabilíssima. Seleccionada e apresentada com sucesso em Veneza na seção Jornadas dos Autores, em forma de tragicomédia enfrenta a emergência da imigração. Pasolini é italianíssimo, mas seu currículo cinematográfico é super-internacional: sempre buscou histórias de fôlego internacional. Marchan (palavra tamil que significa «amigo meu») refere-se à odisseia de alguns jovens do Sri Lanka que, querendo emigrar para a Europa, inventaram um handebol nacional cingalês, um esporte quase desconhecido naquele país. Inspira-se em uma história verdadeira e a idéia da encenação – escrita em conjunto com uma dramaturga cingalesa – é extraída de um fato de crônica de alguns anos atrás.

Apesar da atual familiaridade com os trabalhadores vindos da mega-ilha apelidada «lágrima da Índia», no ocidente ainda se sabe pouco sobre o Sri Lanka. O filme, na primeira parte, ajuda a mergulhar no formigueiro das favelas de Colombo onde se movimentam para sobreviver, os dois cabeças da confusão. Vindo a conhecer o convite oficial dirigido à Nacional de handebol do seu país para participar de um torneio em Baviera, colocam-se com entusiasmo para recrutar todo tipo de marginalizados a fim de formar a fantástica equipe de viagem. Compilando documentos falsos e fazendo-se fotografar com uniformes esportivos conseguem chegar à Alemanha para o torneio internacional onde devem jogar três partidas. Perdem todas com pontuações super-reais: 73 a zero, ou pior que isso. Mas quando são descobertos, já estão longe: conseguem não deixar pistas e não se

sabe que fim levaram. Interpretado por ótimos e simpáticos atores principiantes, Pasolini reinventa sua aventura com tons divertidos mas simpáticos. Se visto com atenção, torna-se um elogio sutil da coragem e da fantasia de todos os «migrantes». O tom é brincalhão – conclui pastoralmente I´ACEC – no entanto alguma coisa se diz sobre a difícil busca da felicidade em tantas partes do mundo. Um filme a ser valorizado.

Almoço nos feriados de agosto

Gianni Di Gregório – Itália – 2008

Uma sala repleta e o pedido de projeção suplementar na 65ª Exposição Internacional de Arte Cinematográfica de Veneza para esta agradabilíssima obra do diretor romano principiante. «*As velhinhas terríveis, atrizes por acaso e garotas irresistíveis – surpreendem a Exposição*», escrevem os jornais.

São quatro fascinantes octogenárias, as protagonistas desta deliciosa comédia sobre a terceira idade, na origem da qual está uma *super-mãe*, a do diretor; na vida real ele havia cuidado dela amorosamente. «Filho único de mãe viúva – declara – precisei lidar por longos anos sozinho com minha mãe, personagem de personalidade dominadora. Embora provado, pude conhecer e amar a riqueza, a vitalidade e o vigor do universo dos “idosos”. Mas reconheci também sua solidão e vulnerabilidade num mundo que caminha a passos largos sem saber para onde vai, porque esquece sua história, perde a continuidade do tempo, teme a velhice e a morte ignorando que nada tem valor a não ser a dedicação recíproca e a qualidade dos sentimentos».

Uma jóia para os entendidos – diz unanimemente a crítica, que não perdoa nada... «A melancolia e a saudade existem, mas cercadas por um desejo de viver que, sendo maior que o colesterol e a pressão, não hesita em arranjar pequenas satisfações que filhos distraídos e sociedade apressada tendem fatalmente a reprimir».

Assim, para realizar este seu primeiro filme Di Gregório andou por Roma em busca das “irresistíveis garotas” capazes de mostrar um tipo de profissionalismo consumado na mais divertida natureza e autenticidade. A história toda desabrocha em torno do lendário almoço que, tradicionalmente, é consumido em grupo.

Apesar da idade elevada dos comensais, curiosamente as mais vivazes são exatamente as senhoras idosas. Enquanto se encontram em casa de estrangeiros (porque ‘descartadas’ temporariamente por prazer ou por comodidade pelos respectivos filhos), progressivamente adaptam-se, agrupam-se e, no final, unem suas forças.

Uma história atípica decididamente pouco comercial porém capaz de relatar uma nesga do cotidiano de modo tão especial, arguto e tenro que é seguramente uma pérola. Para refletir e comentar, além de entreter e divertir.

ESTANTE LIVROS – *Adriana Nepi*

Testamentos espirituais de mulheres e homens ilustres

Lucio Coco – ed. Paulinas

Os testamentos compilados nesta antologia representam um extraordinário tesouro espiritual que, no curso dos séculos, religiosos, santos, homens e mulheres empenhados nos campos mais diversos da cultura, das ciências, do trabalho social quiseram deixar-nos como testemunho de uma vida inteiramente modelada na de Cristo. Para citar alguns, Tonino Bello, Georges Bernanos, Dom Bosco, Clara de Assis, Elisabeth da Trindade, João XXIII, João Paulo II, Chiara Lubich, Paulo VI, Abbé Pierre, Annalena Tonelli, Carlo Urbani, René Voillaume... nos comunicam a fina essência daquilo que foi a sua linfa vital. São textos impregnados de grande carga profética e que revelam a espessura humana e cristã, combinada com uma excepcional sensibilidade, de quem o escreveu.

Proclama a Palavra

Lectio divina sobre a segunda carta a Timóteo

Eduardo Scognamiglio – ed. Paulinas

Timóteo está em cada um de nós. É o jovem que fica fascinado pela proposta do Evangelho, pelo amor misericordioso de Cristo, mas depois se enfraquece perante as provas da vida ficando indefeso diante do mal do mundo. O risco que corre Timóteo é o silêncio, a recusa a falar, a levar o anúncio. É a tentação que vive a Igreja. Então Paulo gritará para ele e para nós: “Predica verbum”, “Proclama a Palavra”. Solicitados pelo Sínodo sobre o tema: *A Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja* e motivados também pela abertura do Ano Paulino, esta *lectio divina* ajuda a compreender não só que a Igreja vive da Palavra, mas também que é capaz de enfrentar os desafios de cada época.

O diálogo interreligioso

Ambrogio Bongiovanni – Emi 2008

O Concílio Vaticano II já havia explicitamente encorajado o diálogo ecumênico e interreligioso. Inicialmente pareceu referir-se sobretudo à atividade missionária. Hoje, devido à maciça presença de imigrantes que professam diferentes religiões, todos nos sentimos diretamente interpelados. O livro que apresentamos, com densidade de pensamento e com pontuais referências culturais, propõe-nos a complexa problemática do tema: o que é propriamente o diálogo? Quais são as condições, os riscos, a eficácia? O que se entende por sincretismo? Ele pode ter também uma conotação não negativa? Que diferença há entre fé e crença? O que significa a experiência religiosa? Quais são os critérios orientadores para educar a um verdadeiro e frutuoso diálogo?

O autor sublinha que o diálogo interreligioso exige uma sólida consistência da própria fé, mas que, ao mesmo tempo, a aprofunda, purifica e enriquece com descobertas sempre novas.

O LIVRO – *Adriana Nepi*

Helder Câmara

Roma, duas da manhã - *Cartas do Concílio Vaticano II*

Já se passaram mais de quarenta anos do encerramento do Concílio Vaticano II. Um simples acontecimento histórico para aqueles dentre nós que ainda não haviam nascido, uma lembrança talvez desbotada para os mais velhos.

Helder Câmara foi, no Concílio, uma das presenças mais corajosas e inovadoras.

Estas páginas foram extraídas da volumosa coleção de relatórios enviados de Roma, dia por dia, aos colaboradores de sua diocese. Elas nos introduzem na história secreta, muitas vezes dramática, daquela excepcional assembleia do Concílio Vaticano II e, ao mesmo tempo, nos possibilitam descobrir um grande homem de Deus, talvez um dos maiores concedidos à Igreja no tormentoso século, há pouco terminado.

Alguém o definiu, em tom obtusamente depreciativo, como o “bispo vermelho”.

Mas, quem era verdadeiramente este homem tão pequeno e vivaz que fazia toda noite, desde o tempo de sua ordenação sacerdotal, ao menos uma hora de adoração diante da Eucaristia (nunca abandonou sua “vigília” nem mesmo durante a atividade febril do Concílio) e ao mesmo tempo sabia conceder-se, como parêntese de distensão, ver Mary Poppin’s ou o Companheiro Dom Camillo?

“O Concílio será difícilimo”: esta foi a primeira impressão por ele gravada.

Bispos diocesanos e cúria romana, progressismo e integrismo, mundo desenvolvido e mundo subdesenvolvido, genuína tradição a ser encontrada e “tradições” fossilizadas ou francamente antievangélicas, comunismo e capitalismo, igreja e dinheiro, regulamentação dos nascimentos, situação dos divorciados não culpados...

Nos primeiros dias sucede a morte de um bispo e um outro foi tomado pela loucura. Na verdade, comentou argutamente o Dom (assim gostava de chamar-se, alheio como era aos títulos altissonantes), para quem vive este evento em profundidade nada há de mais natural que morrer ou... enlouquecer. Ele não enlouqueceu, mesmo dando tudo de si mesmo. Precisou, todavia, assim como todos talvez, "morrer" um pouco: aceitando humildemente redimensionar certas esperanças imensas, lutando com força, mas sem amargura nem intolerância, contra resistências obstinadas que ameaçavam frustrar todo projeto verdadeiro de reforma.

Basta pensar no cardeal Ottaviani, que ficou no imaginário comum como o símbolo da rígida intransigência curial. É comovente ver com quanto respeito é tratado este "antagonista" que, partindo de uma atitude fechada e agressiva, abrandava-se gradualmente chegando ao ponto de pedir que se reze por ele porque, diz, "não quero pecar contra a luz". Afirmará mais tarde: "Por 76 anos fui o guardião do depósito da fé, o velho policial de plantão. Mas se é a própria santa Igreja a re-examinar e a aprofundar usando uma outra linguagem... Deus me fará a graça de ser fiel hoje como ontem...". Mas, que parte terá tido em tudo isso o calor afetivo que cercou o velho cardeal? O Dom, assiste um dia... a um milagre: Ottaviani estava rezando completas com o Irmão Roger pelo breviário de Taizé! E escreve: "Roger obtém de Ottaviani aquilo que quer. Creio que o pobre cardeal (*que hoje conheço melhor e a quem quero bem de todo coração*) sofre quando percebe que é temido por todos. Roger se lhe aproxima como uma criança que rola no chão com um pastor alemão, mete-lhe a mão na boca, puxa-lhe a língua... *Deus sabe que esta imagem não quer ser irreverente*". De si mesmo, escreve: "O que me alegra é que tudo quanto estou fazendo pelo concílio e pela igreja não se vê. Não falo na sala conciliar, não faço parte de nenhuma comissão...".

Na realidade foi protagonista genial e ativíssimo, trabalhando atrás dos bastidores num assíduo diálogo amigável com as personalidades mais abertas seja entre os padres conciliares que entre os observadores, ousando escrever muitas vezes a Paulo VI, para expressar críticas e sugestões, com uma franqueza tal a ponto de chocar quem não conhecia a sua retidão e a estima plena de afeto que nutria pelo Papa, pelo qual era profundamente correspondido.

Todos o procuravam: mesmo o rei Balduino quis conhecê-lo. Foi um encontro belíssimo, como costuma ser o encontro entre dois santos. O rei deixou-lhe a impressão de um franciscano condenado ao esplendor da corte...

Quanto pesava ao Dom aquela pompa que ia se criando através dos séculos também em torno dos homens de Igreja! Ele sonhava uma Igreja "que tome um banho de evangelho, que se torne serva em vez de ser patroa, pobre em vez de rica, que dialogue, compreenda, estimule, em vez de suspeitar, perseguir, condenar...".

O seu amor à pobreza não tinha nada de árido ou moralista. "Apesar da simplicidade – dizia – nos ambientes de vida e de trabalho seja sempre previsto um toque de beleza". Considerava um dom de Deus ser sensível à beleza, e quanta compreensão tinha dos artistas! Ele estava convencido de que Deus usava com eles uma medida especial, pedindo conta dos talentos recebidos.

Junto com um grupo de padres conciliares havia programado alguns compromissos a serem assumidos livremente. Mencionamos alguns: procuraremos tornar o nosso teor de vida conforme ao do nosso povo; não possuiremos em nosso nome bens móveis nem imóveis; confiaremos, por quanto possível, a gestão financeira e material de nossas dioceses a um comitê de leigos; recusaremos nomes e títulos que expressem grandeza e poder (Eminência, Excelência, Monsenhor).

Muitas aberturas, muitas renovações substanciais foram alcançadas com o Concílio Vaticano II, algumas das quais esperam ainda plena atuação. Quanto à realização concreta de certos sonhos, os tempos provavelmente ainda não estavam maduros.

Qual a conclusão de Helder Câmara? "Estejam tranquilos... O essencial é estar sempre mais unidos a Cristo e colocar-se nas mãos do Pai, com ou sem saúde, podendo trabalhar ou não, com ou sem a possibilidade de agir, na terra ou no céu...".

Livro fechado: chancela, dir-se-ia, da vida deste enamorado de Deus e apaixonado servidor da Igreja.

* * *

**LEMBREM-SE, JOVENS, DE QUE VOCÊS SÃO A ALEGRIA DO SENHOR
(DOM BOSCO)**

Da teoria à prática

Finalmente chegaram os Atos do Capítulo e o que mais me tocou foi a frase *“nos comprometemos a”*. E nós, que não estávamos no Cenáculo, nos comprometemos? Elas disseram publicamente e em primeira pessoa... Nós ainda podemos escolher. Mas entre tantos “cansaços” e coisas para fazer era realmente necessário ter outra lista? Será que sou velha... Escrevi tantos bilhetes com bons propósitos, mesmo se depois nem sempre os respeitei.

Sou mesmo uma velha extravagante, mas por sorte nem todas as fma são como eu. Mas vou lhes contar o que aconteceu na minha comunidade... Seguramente só na minha... Depois da apresentação dos Atos, cada uma sublinhava diversos empenhos e dizia à irmã que lhe estava ao lado: “você entendeu?... deve empenhar-se nisso”; “você viu que eu tinha razão quando dizia que era preciso reforçar isto ou aquilo”... “quando eu o dizia, eram minhas manias... agora que está escrito nos Atos do Capítulo, são intuições carismáticas”.

Então fui reler e observei bem que o verbo está na primeira pessoa e não na segunda ou na terceira... **Ai!!!** Talvez sejamos mais corajosas para encontrar o que as outras devem fazer do que o que nós devemos fazer.

A diretora sublinhou as coisas que, na sua opinião, eram mais adequadas à nossa comunidade, por exemplo, a importância do colóquio e do acompanhamento pessoal.

Mas devo mesmo confidenciar-lhes uma coisa... Não sei por quanto tempo ainda continuarei a escrever... Talvez este seja o último ano... Então, sinto-me mais livre para dizer-lhes o que penso.

Estávamos falando do colóquio. Bem, na minha comunidade apenas nós irmãs mais idosas somos fiéis... Ou melhor, não tendo muitos compromissos e percebendo que cada vez que procuramos falar com alguma irmã, está muito ocupada e não pode escutar-nos, então, passando diante do escritório da diretora e encontrando-o vazio, pensamos fazer um ato de caridade... Entramos e falamos. Frequentemente repetimos as mesmas coisas e algumas vezes somos até um pouco enfadonhas, mas o bonito é que a diretora também pensa estar fazendo um ato de caridade conosco... Porque – digamos francamente – também ela está um pouco cansada das nossas queixas. Então o colóquio torna-se um presente de caridade recíproca... Eis a questão: acima de tudo o amor.

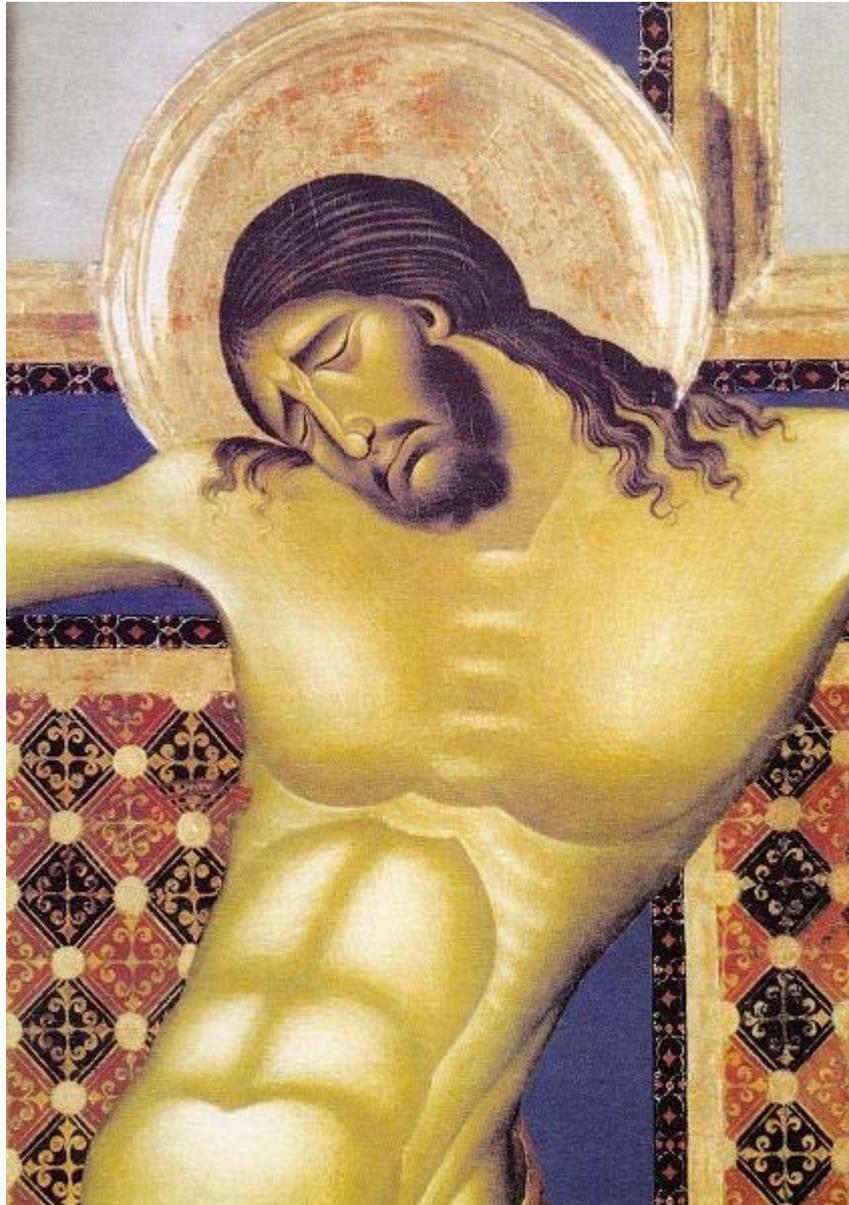
Visualizar! Falando com vocês compreendi o sentido desta afirmação. Pode ser banal, mas é a minha vida de todos os dias.

Até a próxima... Se Deus quiser.

* * *

NO PRÓXIMO NÚMERO	
DOSSIÊ:	Cenáculo aberto ao vento do Espírito
DESTAQUE:	As mulheres na palavra A escola do amor
BUSCA:	Pastoralmente A morte: um jogo
COMUNICAÇÃO:	Jovem.com Emo – emocional Punk

O ROSTO



**O corpo do Filho é a Escritura
transmitida a nós**

(Santo Ambrósio em Lucam VI, 33)